

Modelo Pedagógico

Princípios Educativos

Anos Iniciais
Ensino Fundamental



Realização

INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO

PRESIDENTE

Marcos Antônio Magalhães

EQUIPE DE DIREÇÃO

Alberto Chinen

Juliana Zimmerman

Thereza Barreto

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Organização: Thereza Barreto

Coordenação: Amalia Ferreira

Supervisão de Conteúdo: Thereza Barreto

Redação: Maria Betania Ferreira, Renata Campos, Reni Adriano e Thereza Barreto

Leitura crítica: Alberto Chinen, Amalia Ferreira e Elizane Mecena

Edição de texto: Korá Design

Revisão ortográfica: Palavra Pronta

Projeto Gráfico e Diagramação: Korá Design

INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO

JCPM Trade Center

Av. Engenheiro Antônio de Góes, 60 - Pina | Sala 1702

CEP: 51010-000 | Recife, PE

Tel: +55 81 3327 8582

www.icebrasil.org.br

icebrasil@icebrasil.org.br

2ª Edição | 2019

© Copyright 2018 - Instituto de Corresponsabilidade pela Educação. "Todos os direitos reservados"



Olá, Educador!

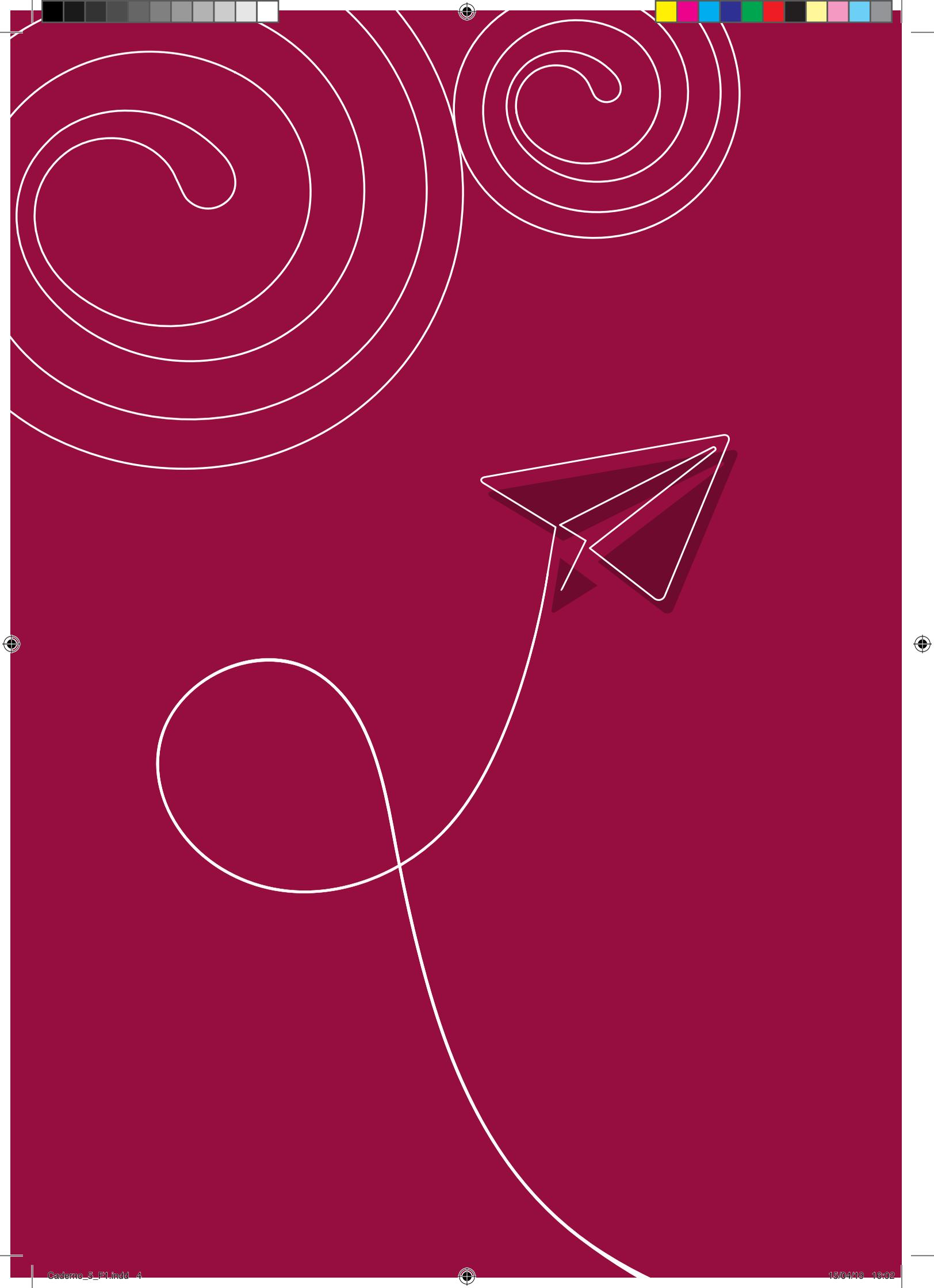
Esse é o **Caderno Modelo Pedagógico – Princípios Educativos**. Nele você conhecerá os Princípios Educativos nos quais o Modelo da Escola da Escolha se fundamenta, com especial atenção aos princípios da Experimentação e da Ludicidade, essencialmente focados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os temas abordados neste Caderno são:

- A Experimentação
- A Ludicidade
- O Protagonismo
- Os Quatro Pilares da Educação
- A Pedagogia da Presença
- A Educação interdimensional

Desejamos que você realize bons estudos e desenvolva excelentes práticas.

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação

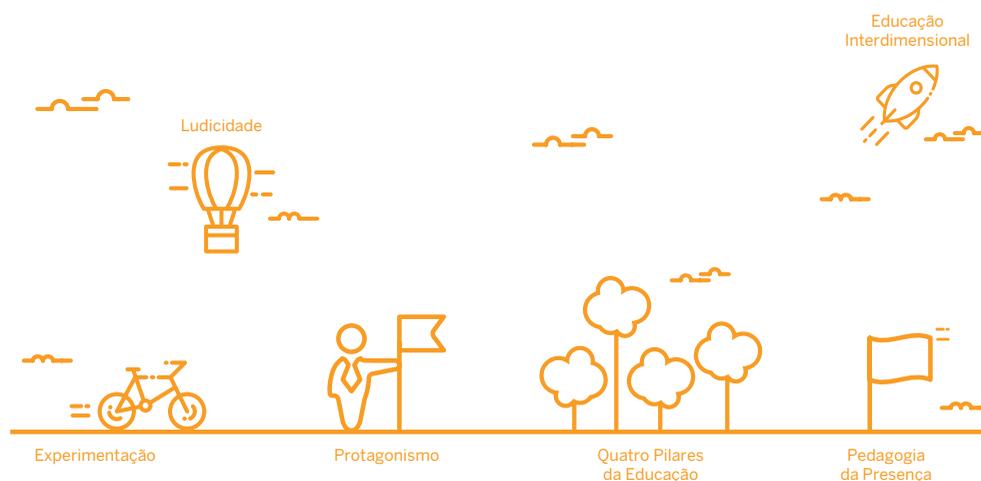


A parte que vem antes

O Modelo Pedagógico da Escola da Escola está fundamentado em seis Princípios Educativos, eleitos porque são imprescindíveis para a grande missão de formar a criança a partir dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no jovem que concluirá a Educação Básica.

Esses Princípios orientam o Projeto Escolar e, por consequência, a prática pedagógica na perspectiva de uma formação que permitirá, ao longo dos anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, que esse estudante desenvolva uma visão do seu próprio futuro, sendo capaz de transformá-la em realidade para atuar nas três dimensões da vida humana: pessoal, social e produtiva naquilo que consideramos ser o mais importante projeto de sua vida.

Neste Caderno apresentamos os Princípios Educativos que inicialmente foram considerados na concepção do Modelo: Protagonismo, Quatro Pilares da Educação, Pedagogia da Presença, Educação Interdimensional, e integramos dois novos Princípios, reconhecidos como fundamentais na concepção do Modelo na perspectiva dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. São eles: a Experimentação e a Ludicidade.



A Experimentação

A experimentação como condição para aprender sobre o mundo

A experiência, para ser educativa, deve conduzir a um mundo expansivo de matérias de estudo, constituídas por fatos ou informações, e de ideias. Esta condição somente é satisfeita quando o educador considera o ensino e a aprendizagem como um processo contínuo de reconstrução da experiência.

John Dewey

A Experimentação surgiu no Modelo Pedagógico como um Princípio Educativo porque encontramos em Dewey (2011) a base fundamental para afirmar que é pela experimentação sobre e do mundo que se aprende. Para ele, o alicerce do desenvolvimento infantil está na vida social. Conhecimentos mais amplos são construídos quando aquele que aprende está em contato com a realidade do mundo e não apenas quando lhe é possível acionar os recursos da dimensão cognitiva. Na formação da criança na Escola da Escolha, outras dimensões, que não apenas a cognitiva, são consideradas, como veremos a seguir quando abordarmos o Princípio Educativo **Educação interdimensional**.

É imprescindível considerar uma educação que proporcione experiências aos estudantes, que integre os saberes teóricos e práticos, pautados e refletidos na realidade do mundo. O acontecimento da experiência ultrapassa a sensação e, mesmo, a percepção de objetos. A realidade é infinita em suas várias manifestações e seria impossível vivenciá-la e interpretá-la sem as condições providas pela experiência. Como pensar uma educação integral que forme uma pessoa para constituir-se como alguém que atue em busca de sua plenitude, que constitua uma atitude protagonista diante de sua vida, que seja capaz de construir uma visão de si próprio no futuro e realizá-la, sem considerar a vivência da experimentação? **A experiência é um investimento refinado e complexo porque nela são mobilizadas sensações, sentimentos, imaginação, inteligência e reflexão. Não experimentamos apenas os objetos que descobrimos, as superfícies que tocamos, mas também os outros e a nós mesmos.**

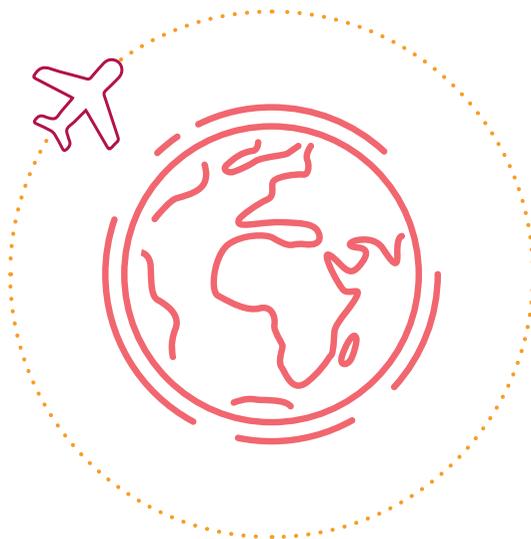
Apenas a oferta de situações e eventos no âmbito da rotina escolar em que estejam presentes “experimentos” ou “projetos” não é suficiente para garantir a experimentação, nem tampouco a escola é o único espaço em que as crianças terão acesso a essa condição. Mas é, também na escola, que essas experiências devem acontecer. Seria um “equivóco

pedagógico” a noção de que uma pessoa aprende especificamente apenas o que está estudando em determinado momento e exclusivamente em dado lugar.

Ao possibilitar que a criança experimente o conhecimento em movimento no trabalho pedagógico, referenda-se a importância da ocorrência de aprendizagens significativas que se movimentam, complementam e interagem na direção de formar atitudes permanentes. Dewey (2011) traz como exemplo que, ao experimentar o mundo no espaço escolar, a criança vivencia a possibilidade de perceber em si o desenvolvimento de capacidades que as levará a fazer escolhas como as de gostar e de não gostar de alguma coisa. Essa possibilidade de “gostar” ou “não gostar” é uma vivência que possibilitará o desenvolvimento de habilidades socioemocionais que permitirão à criança um melhor e mais significativo diálogo com a aprendizagem de elementos como ortografia e componentes curriculares como a Matemática ou História, pois são essas atitudes que fundamentalmente já contam para o tempo presente e seguramente contarão para o futuro.

A vida contemporânea das crianças e dos jovens exige que a continuidade das aprendizagens relativas à vida escolar ocupem lugar de importância, tanto quanto aquelas relativas às vidas em outros âmbitos, inclusive quando consideramos o espaço escolar como meio para construção de novas experiências e não, necessariamente, como um lugar restrito aos códigos formais.

A percepção de si próprio enquanto sujeito responsável por si e pelo que o envolve, ou seja, o próprio mundo, considerados o meio ambiente, as relações com os objetos do conhecimento e a convivência entre as pessoas, exige que estudantes e professores se reconheçam e se entendam como sujeitos no mundo, com o mundo e do mundo, tendo parte ativa nas suas transformações e isso requer uma prática que se pauta pela experimentação das coisas, das situações, daquilo que se conhece e daquilo que se busca conhecer. Aqui há a convicção clara que é na experimentação sobre e do mundo que se aprende.





Aqui consideramos a imprescindibilidade de pensar uma educação na qual a reflexão crítica e problematizadora se torna uma exigência da relação teoria/prática, sem a qual a teoria pode assumir um teor vazio e a prática, puro ativismo (Freire, 2011b, p.24). Por essa razão ganham importância os estudos do meio, a ida ao campo, à cozinha e à horta, ao jardim e ao quintal escolar, na perspectiva de serem lugares onde também são aprendidos e produzidos conhecimentos a serem sistematizados.

A continuidade das aprendizagens ao longo da vida é determinante e afeta “para melhor ou para pior as atitudes que contribuem para a qualidade das experiências subsequentes estabelecendo certas preferências e aversões, tornando mais fácil ou mais difícil agir nessa ou naquela direção” (Dewey, 2011, p.37). A literatura, sobretudo em Dewey, nos brinda com a afirmação de que a **vida e a educação** se constroem por meio das **experiências**, sendo as três, equivalentes quanto à sua significação.

Uma educação pautada pelo Princípio da Experimentação cria condições de preparação das crianças para situações posteriores; o que se vive no presente tanto toma algo das experiências passadas quanto determina, de algum modo, aquelas que virão. **“Em certo sentido toda experiência deveria fazer algo para preparar uma pessoa para experiências posteriores de qualidade mais ampla e mais profunda. Esse é o sentido próprio de crescimento, continuidade, reconstrução da experiência”** (Dewey, 2011, p.36-48).

Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental constituem-se como um lugar prodigamente rico de novidades, de elementos ainda por se descobrir e de um vasto universo para experimentar, para conhecer, para aprender, para sentir, para trocar e tocar. Conforme a criança passa de uma situação para outra, de uma experiência para outra experiência, seu mundo e seu ambiente se expandem ou se contraem, e certamente se transformam. Não se trata de viver em outro mundo, mas de ampliar o mundo existente por meio de novos sentidos e possibilidades mediados pelo saber e pelo outro.

As experiências educativas estimulam a curiosidade e conduzem à aprendizagem, o que permite ao estudante **aprender a aprender** e a melhor se posicionar diante das situações que também lhe serão impostas no meio social. Estes são elementos inerentes à formação para a capacidade de atuar de maneira autônoma – uma das expectativas do ideário formativo da Escola da Escolha. Por outro lado, os efeitos daquelas experiências educativas que meramente criam as condições para “passar” pela experiência, distorcem e impedem o amadurecimento para futuras situações.

Educar à luz do Princípio da Experimentação envolve, necessariamente, a “[...] formação de atitudes emocionais e intelectuais; nossas sensibilidades básicas e nossos modos de receber e responder a todas as condições com as quais nos deparamos na vida” (Dewey, 2011, p.35). Assim, **o ato de educar deve tomar as ações práticas da vida como um laboratório da própria vida.**





Criar, aprender...viver.

A capacidade de ser criativo é essencialmente humana e mantém a constante promessa de modos alternativos de ver, pensar e de fazer as coisas.

Ken Robinson (2011)

O mundo tem mudado drasticamente nas últimas décadas e isso traz implicações profundas na forma como educamos as crianças, adolescentes e jovens. **Tofler (1980)** intitula de analfabetos do Século XXI não aqueles que não conseguem ler ou escrever, mas aqueles que não conseguem aprender, desaprender e reaprender.

A **curiosidade**, a **abertura a novas ideias** e **experiências**, bem como a **atitude criativa** são habilidades reconhecidamente fundamentais para o processo de aprendizagem.

Viver e atuar sobre o mundo e seus acelerados processos exigem, cada vez mais, a capacidade da pessoa em **adaptar-se a novas realidades** que talvez, em outras décadas, não fossem imperativas como as que na atualidade se apresentam: a preservação do planeta, ao desenvolvimento de tecnologias, a luta por justiça social, entre outras.

Educamos para formar as pessoas e criar as condições para que se realizem naquilo que escolherem para as suas vidas. Não é apenas uma preparação para a vida, para o que poderá vir depois, trata-se também de ajudá-las a viver o tempo presente. A qualidade das experiências e dos aprendizados no presente, seguramente impactarão na trajetória das nossas vidas.

O **espírito curioso**, ávido por novidades, sedento por conhecimentos, com grande interesse pelo mundo e pelas coisas,

.....
Eurekateca, Ateliê Criativo e sala de aula flexível são ambientes de aprendizagem tratados nos Caderno de Formação - Espaços Educativos.

As Rodas de Conversa dizem respeito a uma das Práticas Educativas de Rotina tratadas nos Caderno de Formação - Rotinas e Práticas Educativas.
.....



disposto a imaginar e a criar, são aspectos que nos diferenciam radicalmente de outros seres vivos, e tornam-se, cada vez mais, elementos fundamentais na educação que precisa responder ativamente às mudanças impostas neste século.

Nos estudos de Seligman (2002) a curiosidade é definida como *"...interesse, busca por novidades, e abertura para novas experiências, representa o desejo intrínseco de alguém por experiência e conhecimento. A curiosidade envolve as atividades de identificação, busca e regulação das experiências em resposta a oportunidades desafiadoras"*. E complementa: *"Todos os indivíduos experienciam curiosidade, mas a diferença reside na profundidade e extensão, no seu limite e na vontade de experimentar a curiosidade"*.

Os diversos espaços educativos da Escola da Escolha podem ser os lugares onde, se constantemente desafiada e estimulada, a criança desenvolverá essas características enquanto aprende. Da Eureka-teca ao quintal da escola, do Ateliê Criativo à sala de aula flexível e às Rodas de Conversa, são inúmeras as possibilidades de explorar o ambiente e seus materiais para criar situações didáticas favoráveis a esse desenvolvimento. A simples distribuição dos estudantes em círculo colabora para que eles se comuniquem entre si e com o professor – e a comunicação é imprescindível para a **abertura a novas ideias**. É preciso ouvir argumentos diferentes dos nossos para criar a maleabilidade e flexibilidade necessárias para ter uma

mente aberta, mais favorável, portanto, a um código mental construtivo. Mas a mudança da localização dos móveis e posição dos estudantes não farão o processo se realizar. É preciso, antes, assegurar que a atitude e a postura das pessoas garantam um ambiente onde haja respeito pelas ideias das crianças, que cada uma seja ouvida e considerada na sua condição de desenvolvimento, que sejam propostos debates onde elas atuem ativamente e sejam constantemente estimuladas a conhecer os vários lados de uma mesma questão.

Estudantes mais abertos têm seu aprendizado impulsionado em escala superior aos que têm essas características menos desenvolvidas. Esse cenário é altamente favorável para a redução das desigualdades, diminuição da evasão e, sobretudo, para assegurar uma formação que responda aos desafios trazidos pelo Século XXI.



PARA SABER MAIS:

Pesquisas promovidas pelo Instituto Ayrton Senna e pela OCDE.

A importância socioeconômica das características da personalidade, assinado pelo professor Daniel D. Santos, da FEA-USP

Personalidade - Disponível em: <http://educacaoosec21.org.br/wp-content/uploads/2013/08/A-import%C3%A2ncia-socioecon%C3%B4mica-das-caracter%C3%ADsticas-de-Personalidade.pdf> - Acessado em 17/09/2017.





Na Escola, é preciso...

- ✓ Considerar que o saber é constituído por conhecimentos e vivências que se entrelaçam de forma dinâmica;
- ✓ Tratar os estudantes e professores como possuidores de experiências próprias que são aproveitadas no processo de ensino e de aprendizagem, tornando possível uma aprendizagem essencialmente coletiva, assim como é coletiva a produção de conhecimentos;
- ✓ Propiciar à criança condições para que resolva por si própria os seus problemas e estimulá-la a criar alternativas diferentes para os mesmos problemas;
- ✓ Oportunizar às crianças situações diversas para uma experimentação que não separa a vida da educação. É pela experimentação sobre e do mundo que se aprende. A educação deve formar o estudante para a vida, possibilitando as condições para o seu constante desenvolvimento.





O Papel do Educador é...



Desenvolver uma prática pedagógica que considere o desafio para os estudantes como parte do processo de ensino e de aprendizagem. Quanto mais se sentirem desafiados à experiência de atuar como seres no mundo, com o mundo e do mundo, tanto mais eles se sentirão desafiados a atuar sobre ele, seja respondendo, construindo ou reconstruindo-o. Quanto mais desafiados, tanto mais solicitados a responder aos desafios e a exercitar a sua condição pró-social e, futuramente, protagonista;



Criar um ambiente permanentemente favorável ao compartilhamento e situações de cooperação, onde os estudantes não tenham barreiras ao intercâmbio daquilo que trazem como experiências, expressão viva dos seus pensamentos e vivências;



Levar os estudantes à verdadeiras situações de experimentação, em que seja despertado o interesse e a curiosidade em torno de problemas a resolver; que eles tenham a oportunidade de pensar e agir diante da situação, testando as suas alternativas e ideias;



Estimular os estudantes a conviver com dúvidas permanentes e certezas temporárias; a elaborar suas próprias hipóteses, conceitos e definições seja para confrontar com o conhecimento sistematizado ou recriá-las a partir de novas experiências em suas produções coletivas.

A Ludicidade

*Homo sapiens,
homo faber...homo ludens*

Sobre a importância do brincar e da criatividade na aprendizagem da criança

O culto à razão, predominante do século XVIII, amalgamou a designação em nós, humanos, de Homo sapiens. Com o passar do tempo, acabamos por compreender que afinal de contas não apenas a racionalidade, mas também a capacidade de fabricar objetos uniu-se a essa forma de definir o homem, qual seja, o Homo faber.

Mas existe uma terceira designação que se verifica tanto na vida humana como na de qualquer outro animal, e é tão importante como o raciocínio e a confecção de objetos: o lúdico. Encontramos aqui uma terceira definição que talvez devesse ser reconhecida e estar localizada ao mesmo nível que as demais: o Homo ludens.

A literatura nos apresenta a noção de ludicidade presente em toda e qualquer atividade humana como um fator distinto e fundamental, existente em tudo o que acontece no mundo. Para Huizinga (1999), há a clara convicção de que é no universo lúdico do jogo e do brincar¹, e por eles, que a civilização surge e se desenvolve. É possível encontrar indícios dessa posição em suas obras desde 1903, quando considera o jogo como elemento da cultura. O fato é que o jogo pressupõe sempre a sociedade humana; mas em outros animais também encontramos elementos essenciais do jogo.

O jogo ou o brincar, é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico, porque ele ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. Ele cumpre a função de atribuir significado a algo, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo, no brincar, existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa.



¹Aqui destaque-se que a diferença entre as principais línguas e a nossa, nos leva a frequentemente escolher como elementos da ludicidade, o jogar ou brincar, quase como excludentes. Mas em todos os idiomas europeus, os verbos spielen, to play, jouer, jugar etc significam igualmente brincar e jogar. O mesmo acontece com a palavra diversão, que aqui está ligada também a noções como as de prazer, agrado, alegria etc.

²Sobre estas teorias, consultar H. Zondervan, *Het Spel bij Dieren, Kinderen en Volwassen Menschen* (Amsterdã, 1928) e F. J. J. Buytendijk, *Het Spel van Mensch en Dier als openbaring van levensdriften* (Amsterdã, 1932).



Para Huizinga (1999), a psicologia e a fisiologia procuram observar, descrever e explicar o jogo dos animais, crianças e adultos. Procuram determinar a natureza e o significado do jogo, atribuindo-lhe um lugar no sistema da vida. A extrema importância deste lugar e a necessidade, ou pelo menos a utilidade da função do jogo, referem distintas tentativas para definição de sua função biológica, descarga da energia vital superabundante, satisfação de um certo “instinto de imitação”, ou ainda simplesmente como uma “necessidade” de distensão. Há teorias para as quais o jogo constitui uma preparação do ser humano para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá. Para outras, trata-se de um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo. Outras veem o princípio do jogo como um impulso inato para exercer uma certa faculdade, ou como desejo de dominar ou **competir**².

Sobre a importância do lúdico nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

É fato que o elemento lúdico está presente na própria formação e desenvolvimento da criança. É preciso brincar para se desenvolver. O lúdico é vivido como forma de equilíbrio com o mundo, onde o brincar se torna uma importante fonte de aprendizagem, principalmente por ser uma das atividades mais constantes da fase inicial da vida do ser humano.

Brincar envolve a memória, o registro e a reprodução de algo já observado, algo que está entre o conhecido e o imaginado, e permite à criança conhecer e apropriar-se da sua realidade, integrá-la e construir novas realidades. Capacita a criança para a aquisição de diferentes formas de representação do mundo. É, sem dúvida, um meio pelo qual os seres humanos exploram uma variedade de experiências em diferentes situações, para diversos propósitos.

Mas, brincar é “coisa séria”, uma vez que pressupõe atenção e concentração e envolve muitos aspectos interrelacionados. A concentração requer foco, mesmo que fugidio, para motivar as brincadeiras. O brincar pressupõe também disponibilidade, já que as coisas mais importantes da vida da criança – o espaço, o tempo, seu corpo, seus conhecimentos, suas relações com pessoas, objetos e atividades – são oferecidas em situações nas quais, quase sempre, é a única protagonista, a responsável pelas ações e fantasias que compõem essa atividade (Macedo, 2005).

A brincadeira proporciona a convivência com a insubordinação a algumas regras e a subordinação a outras, pois, embora tudo aconteça em tempo e espaço reais, a brincadeira se desenrola em tempo e espaço simbólico.

Nas atividades da vida em que se tem presente a dimensão lúdica, a linguagem participa como instrumento de conhecimento da realidade, permitindo a ampliação e conservação de experiências diferentes. Durante a brincadeira, as crianças precisam adequar sua fala

aos papéis assumidos, às negociações entre os parceiros, ao planejamento e narrações, acontecendo também formulações em diferentes tempos verbais.

O desenvolvimento da criança por meio da dimensão lúdica é favorecido pelas relações estabelecidas com os outros – parceiros e adultos. Estes podem e devem criar as condições necessárias para o desenvolvimento do jogo, como o jogo simbólico do faz-de-conta, por exemplo.

As atividades lúdicas possibilitam à criança vivências para o desempenho de papéis sociais, para a compreensão do funcionamento do mundo, para demonstrar e vivenciar emoções. Quanto mais a criança brinca, mais ela se desenvolve sob os mais variados aspectos, desde o afetivo, ao social, emocional, motor, cognitivo e corporal. É por meio da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade.

Na Educação Infantil, muitas aprendizagens acontecem por meio das brincadeiras, da fantasia, da imaginação, da diversão e da interação com os pares, diferente daquilo que, via de regra, se apresenta para os anos seguintes quando a criança parece ter que “deixar de ser criança” para virar “aluno” com todas as responsabilidades e formalidades que usualmente identificamos, conforme abordado nos estudos da **“forma escolar” no Caderno de Formação - Conceitos.**

Esta ruptura não é desejada, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. É necessário considerar a presença do caráter do elemento lúdico como essencial para o desenvolvimento e educação da criança. Quando uma criança é impedida de brincar, tem seu desenvolvimento prejudicado, pois não é estimulada a se aventurar em algo novo, desconhecido. Se não pode brincar, o desejo de aprender não se realiza adequadamente. Quando a criança brin-



***A ludicidade é uma
necessidade humana.
O seu desenvolvimento
facilita a aprendizagem,
o desenvolvimento pessoal,
social e cultural, colabora
para uma boa saúde mental,
prepara um estado interior
fértil, facilita os processos de
socialização, comunicação,
expressão e construção
do conhecimento.***



PARA SABER MAIS:

ABERASTURY, Arminda. *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CHATEAU, J. *O jogo e a criança*. São Paulo: Summus, 1987.

WADSWORTH, B. J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1992.

WALLON, H. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995. _____. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1995.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



ca, ela revela ter aceitado o desafio do crescimento, de ter a possibilidade de errar, de tentar arriscar para progredir e evoluir.

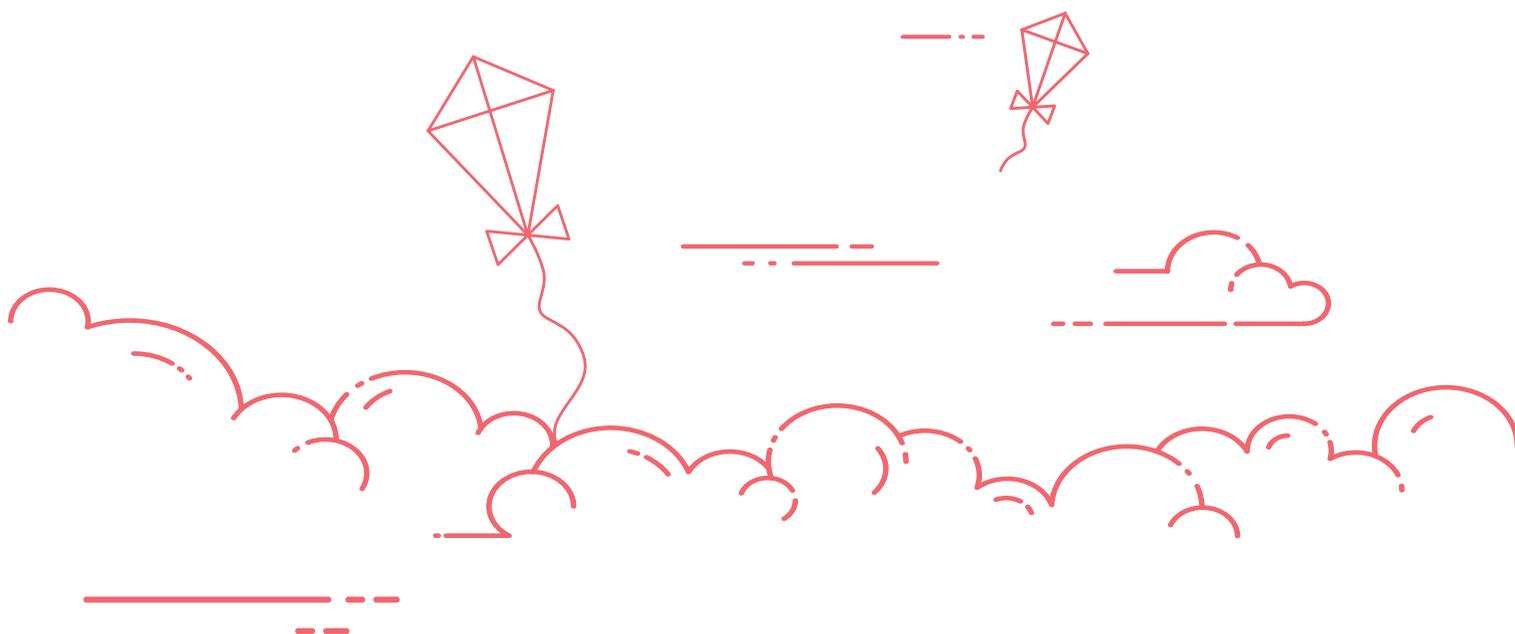
A atividade lúdica carrega em si inúmeras contribuições para os mais diversos campos constitutivos do sujeito tanto sob o aspecto físico, psíquico e cognitivo, quanto em outras dimensões como a social, moral, afetiva e cultural.

A importância do brincar é um ponto em comum entre diversos pesquisadores. **Piaget, Vygotsky e Winnicott**, entre outros e nos seus respectivos tempos, realizaram estudos e experiências com crianças em diversas fases e em diferentes faixas etárias. Suas contribuições foram de inegável valor para as diversas áreas do conhecimento. Nesses estudos entendemos que os três concordam que brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança.

Jean Piaget (1971) destacava a ação sobre o brincar como elemento que estrutura a situação simbólica inerente à brincadeira. A criança que brinca está desenvolvendo sua linguagem oral, seu pensamento associativo, suas habilidades auditivas e sociais, construindo conceitos de relações espaciais e se apropriando de relações de conservação, classificação, seriação, aptidões visuoespaciais e muitas outras. Para ele, o jogo é essencial na vida da criança, pois no jogo a criança se apropria daquilo que percebe da realidade, nele prevalece a assimilação.

O significado da palavra jogo, segundo a origem etimológica latina, seria gracejo, ou mais especificamente, divertimento, brincadeira, passatempo. Como descreve Celso Antunes (2014, p.391), os jogos visam estimular o crescimento e aprendizagens, e seriam melhor definidos se afirmássemos que representam relação interpessoal entre dois ou mais sujeitos, mesmo que um dos sujeitos seja imaginário – pode existir toda uma multidão em uma só criança –, realizada dentro de determinadas regras.

Nessa perspectiva, percebemos a diferença na utilização do objeto como brinquedo ou como jogo. O brinquedo supõe, na relação com a criança, a indeterminação quanto ao seu



uso, ou seja, sem regras fixas. O jogo, por sua vez, inclui intenções lúdicas, estimula a alegria e a flexibilidade do pensamento, mas mantém um controle entre jogadores e, portanto, uma relação interpessoal dentro de determinadas regras.

As crianças, a partir dos sete anos de idade, no período operatório concreto, têm condições cognitivas para lidar com delimitações no espaço, no tempo, o que podem e o que não podem fazer. Começam a ter importância os jogos de regras, em vez dos jogos simbólicos como o faz-de-conta, característica de etapas anteriores. A regra supõe outros tipos de relações sociais, porque é imposta pelo grupo envolvido em jogo. No entanto, a falta da regra não significa ficar fora do grupo, mas a não realização do jogo. Por outro lado, a desobediência às regras implica ficar fora do jogo. Lidar com perdas e ganhos, assumir estratégias de ação, exercitar a tomada de decisão, realizar a análise dos erros, replanejar as jogadas em função dos movimentos dos outros, são alguns exemplos de situações vivenciadas.

O aprendizado da criança começa antes do seu ingresso na escola e, desta forma, a escola sistematiza os aprendizados que se iniciam desde o primeiro dia de vida. Conforme Vygotsky (1984), o sujeito é interativo e a comunicação apresenta grande importância, pois estabelece uma relação estreita entre o brincar e a aprendizagem. Assim, o desenvolvimento cognitivo resulta da interação entre a criança e as pessoas com quem mantém contatos regulares. Para Vygotsky, a aquisição do conhecimento se dá em zonas de desenvolvimento proximal, ou seja, entre o conhecimento já adquirido (desenvolvimento real) e o conhecimento a ser adquirido (desenvolvimento potencial). As zonas de desenvolvimento proximal - ZDP, são as mais potentes para a intervenção de outras pessoas,



Jean Piaget foi um epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma **abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica** e fundou a Epistemologia Genética - teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

Donald Winnicott, pediatra e psicanalista inglês cuja extensa obra foi dedicada à construção da teoria do **amadurecimento pessoal como um caminho a ser percorrido partindo da dependência absoluta e dependência relativa rumo à independência relativa** e de outros relativos à construção da identidade.

Lev Vygotsky, psicólogo bielo-russo, pioneiro no conceito de que o **desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida**. Sua obra ressalta o papel da escola no desenvolvimento mental das crianças e é uma das mais estudadas pela pedagogia contemporânea.



PARA SABER MAIS:

<http://www.infoescola.com/biografias>
Acessado em 16/09/2017

<http://www.portaleducacao.com.br>
Acessado em 16/09/2017

<http://revistaescola.abril.com.br>
Acessado em 16/09/2017



Para **Vygotsky**, ao produzir o meio em que vive, o homem se produz; ou seja, o homem é determinado historicamente, mas é, simultaneamente, determinante da história. Neste sentido, ele considera que o desenvolvimento e a aprendizagem interrelacionam-se desde o nascimento da criança e a constituição do sujeito é um movimento dialético entre aprendizagem e desenvolvimento. Para especificar melhor essa interrelação, Vygotsky entende que o desenvolvimento humano compreende dois níveis: o primeiro é o nível de desenvolvimento real, que compreende o conjunto de atividade que a criança consegue resolver sozinha. O segundo nível de desenvolvimento é o nível de desenvolvimento potencial: conjunto de atividades que a criança não consegue realizar sozinha, mas que, com a ajuda de alguém que lhe dê algumas orientações adequadas (um adulto ou outra criança mais experiente), ela consegue resolver. A distância entre esses dois níveis, caracteriza o que Vygotsky denominou de **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)**.



PARA SABER MAIS:

VYGOTSKY, L. S. (1984) *A Formação Social da Mente* São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. S. (1987) *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes.

mediadores dos conhecimentos, que possibilitam a aprendizagem.

É possível afirmar, então, que grandes aquisições cognitivas das crianças são desenvolvidas através do brincar. Ao brincar, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim, o brincar antecipa o desenvolvimento que só pode ser completamente atingido com assistência de seus companheiros da mesma idade e mais velhos. Durante a brincadeira, todos os aspectos importantes da vida da criança tornam-se parte do jogo.

Em todas as fases da vida, o mediador, que faz o papel do "outro" na relação estabelecida, é fundamental para o sucesso no desenvolvimento do bebê, da criança, do adolescente, adulto ou da pessoa idosa. Tudo acontece com um mediador, com interação: o segurar, o manejar, a apresentação dos objetos, a destruição do objeto, a sobrevivência à destruição. Aqui ganham importância as práticas e relações estabelecidas e orientadas pela Pedagogia da Presença, um dos Princípios fundamentais do Modelo da Escola da Escolha presentes nas três etapas de ensino da Educação Básica.

Na literatura encontramos diferenças, mas também semelhanças entre os três pesquisadores, Piaget, Vygotsky e Winnicott. Com Vygotsky (1984) aprendemos que não é somente deixar as crianças brincarem, mas, fundamentalmente, ajudá-las a brincar, brincar com as crianças e até mesmo ensiná-las a brincar. As estruturas mentais propostas por Piaget e a classificação dos jogos em jogos de exercício, jogos simbólicos e jogos de regras são fundamentais para que possamos entender o desenvolvimento da criança a partir da relação consigo própria na busca de soluções para os desafios encontrados no brincar,

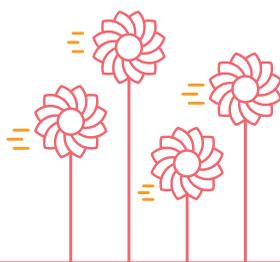


bem como na interação com o outro. Winnicott trata a brincadeira como a oportunidade para o exercício da simbolização, que é também uma característica humana.

Essa compreensão permite aos professores a possibilidade de intervenção dentro de faixas etárias, mas sem desconsiderar que o desenvolvimento da criança também depende do meio em que se vive e, portanto, dos elementos próprios da cultura, por que a criança cria a partir do que conhece, das oportunidades do meio e em função de suas necessidades.

Para estes teóricos, o brincar, o jogo e, por conseguinte, a dimensão lúdica são uma forma de contextualizar, construir e ampliar novos conhecimentos, considerada aqui a valorização do tempo-espaço de brincar e jogar.

Torna-se vital considerar os educadores como agentes facilitadores, mediadores fundamentais da evolução de crianças, a partir do âmbito das atividades lúdicas e da nossa própria evolução como aprendentes, a partir da oportunidade de enriquecimento desta dimensão característica, mas não exclusiva, do ser humano.



Sobre a importância do brincar e da criatividade na aprendizagem da criança

A consideração da **Experimentação** e da **Ludicidade** como Princípios Educativos, orientadores, portanto, da prática pedagógica dos educadores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola da Escolha, nos remete ao tempo em que a maioria dos brinquedos eram construídos nas brincadeiras. A criação dos brinquedos era em si, parte da brincadeira, a exemplo da confecção dos carros de lata, dos aviões de papel, das pipas, dos estilingues, entre tantos outros. Todos eles, produtos da criação, planejamento e execução próprias da habilidade das crianças, repletos de arte e de estética próprias e frutos de um processo criativo em que as brincadeiras são reconhecidamente grandes momentos de aprendizagem.





No início do século XX, quando os educadores consideravam o brinquedo e o brincar apenas uma atividade de lazer, alguns pesquisadores (Kishimoto, 1993) já ressaltavam em seus estudos a enorme influência do brinquedo no desenvolvimento da aprendizagem, na sociabilidade e criatividade infantil.

Na ampliação do universo autoral das brincadeiras e brinquedos, é fato que no passado os familiares também dedicavam tempo para a construção de brinquedos para os seus filhos e confeccionavam as bonecas de pano, hoje encontradas apenas em feiras de artesanato.

As famílias contemporâneas, notadamente ocupadas e exigidas cotidianamente pelas demandas próprias destes tempos, oferecem outras formas de uso desse tempo junto aos seus filhos, trazendo para o seu universo de formação outros componentes, como aulas de balé, música e línguas estrangeiras, prática de esportes, entre outras tantas atividades. Diante do desejo da criança em torno de um brinquedo, tornou-se corrente a sua aquisição, ignorando-se, em muitos casos, a possibilidade de sua criação e da fruição deste momento lúdico de interação entre pais e filhos.

A capacidade perceptiva de discriminar, analisar, sintetizar, reconhecer e armazenar estímulos e suas relações está indissociavelmente ligada à manipulação de objetos e à elaboração de respostas simples, compostas e complexas. O reconhecimento do objeto (contorno, forma, comprimento, largura, orientação, textura, etc.) é inseparável da sua manipulação, motivo pelo qual a percepção envolve reciprocamente um componente motor, ou seja, o processo perceptivo-motor (Fonseca, 1995).

Por meio da brincadeira, a criança mergulha no jogo do faz-de-conta e neste lugar imaginário vai em busca do que deseja ser e fazer, ultrapassando os limites que a realidade lhe impõe.

O brinquedo deve apresentar desafios para as crianças. São as dificuldades e limitações que ele apresenta que geram o desejo por conseguir dominá-lo. O brinquedo deve convidar a criança, desafiá-la, fazer com que entre derrotas e vitórias a alegria do brincar esteja sempre se renovando.

Se pensarmos no brinquedo como suporte da brincadeira, poderemos imaginar que a criança necessita interagir com ele, transformá-lo, atribuir-lhe significados e representações sociais. Se o brinquedo já está carregado de significados, se já apresenta um jeito para esse brincar e faz tudo sozinho, muito pouco restará para a criança criar.

Um dos sentidos de criar é imaginar. Segundo Maria Lúcia Aranha & Maria Helena P. Martins (1986), imaginar é a capacidade de ver além do imediato, do que é, de criar possibilidades novas. É responder à pergunta: “Se não fosse assim, como poderia ser?”. Se dermos asas à imaginação e abandonarmos as amarras lógicas da realidade, encontraremos muitas respostas para esta pergunta.

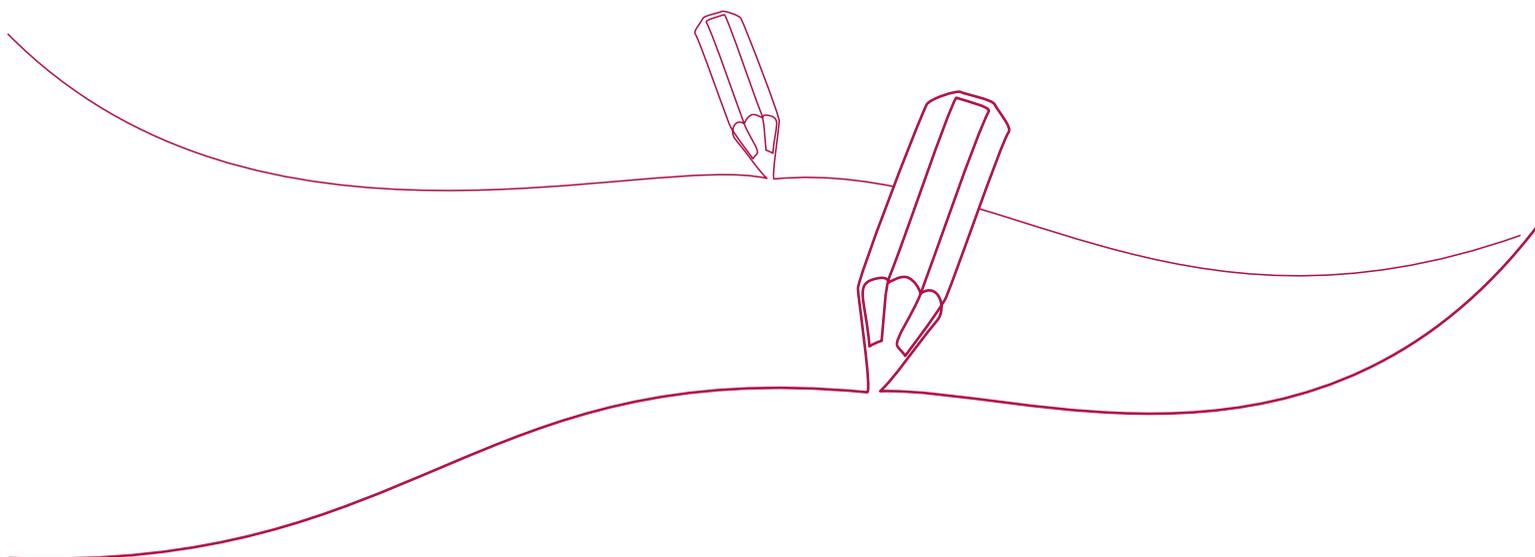


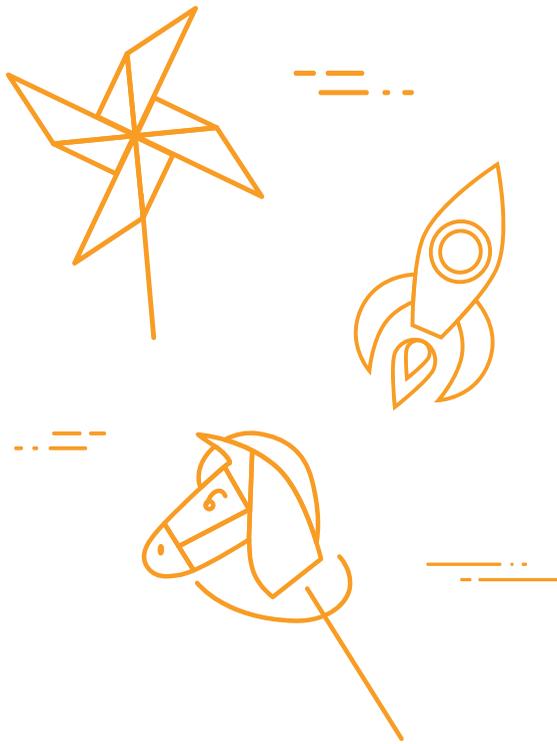
Muitos pesquisadores acreditam que nós mudamos a experiência da infância tão profundamente que impedimos o desenvolvimento da criatividade. A indústria de brinquedos e entretenimento alimenta as crianças com um número sem fim de personagens pré-fabricados, imagens, peças e roteiros fazendo com que a imaginação seja secundarizada. Elas não precisam mais imaginar que um cabo de vassoura é uma espada: eles podem brincar de “Star Wars” com um sabre de luz igual ao dos filmes, vestidos em fantasias específicas para cada papel que estão interpretando.

Para cultivar a criatividade nas crianças, seja na família ou na escola, é preciso dispor de recursos necessários para a expressão criativa e, nesse sentido, um dos recursos essenciais é o tempo. As crianças precisam de muito tempo para brincadeiras espontâneas, lúdicas e criativas. Elas precisam ter a oportunidade para brincar sem o direcionamento dos adultos e sem influência muitas vezes limitantes dos produtos comerciais.

O espaço também é um recurso valioso. Elas precisam de espaços específicos onde possam atuar com liberdade, explorar fantasias ou construir com blocos e peças variadas. Além do espaço adequado, é preciso promover uma atmosfera criativa.

A exemplo da Roda de Conversa – uma das práticas educativas concebidas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental – realizada com os estudantes, o educador deve pedir sugestões e ideias às crianças sempre que possível. Ao planejar um passeio, por exemplo, torna-se interessante fazer uma lista de coisas que nunca tenham feito antes e do que gostariam de fazer. Ainda que aparentemente inviáveis quanto à sua realização, as ideias não devem ser censuradas, nem indicadas essas ou aquelas como sendo as melhores. Ao final, recomendamos que as crianças sejam questionadas sobre a atividade: se divertiram? De que mais gostaram durante o trabalho? Já terminaram ou ainda há algo por fazer? Como planejam fazer isso? O foco da atividade é o pensar sobre novas ideias e o processo para gerá-las.





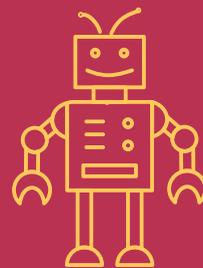
O estímulo ao potencial criativo dos estudantes é de suma importância nos anos iniciais e, por isso, a curiosidade, o prazer em conhecer, criar e fazer têm um valor especial na Escola da Escolha. Estes elementos devem estar presentes em todo o tempo escolar, sobretudo no **Ate-liê Criativo**, espaço concebido onde as crianças são estimuladas a executar seus projetos, coletivos e individuais, explorando os mais variados recursos materiais, artísticos, estéticos.

O educador tem papel importante no desenvolvimento do potencial criativo, e para isso é fundamental estimular os estudantes de maneira constante. Crianças com medo de errar ou de serem julgadas podem travar o seu pensamento criativo. É interessante promover o compartilhamento de erros cometidos para que vejam que não há problema em estar enganado. Rir de si mesmo após um escorregão é um hábito saudável.

No **Caderno de Formação - Eixos Formativos**, apresentamos como as habilidades socioemocionais têm presença e impacto expressivo na formação da criança pró-social e no nascimento do futuro protagonista, mesmo não sendo conteúdos e que não tenham status de componentes curriculares. **Mas, de que maneira elas se relacionam ao Princípio Educativo Ludicidade?** Como estão presentes na vida e na brincadeira infantil e de que maneira contribuem para o desenvolvimento da crianças em suas várias dimensões?



As crianças brincam, vivem as suas vidas e isso... é coisa séria!



Por que as crianças brincam?

Muitas pessoas diriam que elas brincam porque é do que elas gostam de fazer; porque é o que as ocupa... e quanto a isso dificilmente haverá quem discorde. As crianças **encontram prazer físico e emocional** nas suas experiências, nas suas brincadeiras e nos seus jogos, independente se os adultos forneçam insumos, ou não, elas são capazes por si próprias de incrementar os seus próprios objetos, inventar a partir dos seus recursos criativos e isso lhe proporciona imenso prazer porque também é parte da brincadeira.

Ao inventar, experimentar e brincar, a criança aprende. A curiosidade, a abertura a novas ideias e experiências, bem como a atitude criativa são habilidades fundamentais para o processo de aprendizagem, e a brincadeira ensina.

Mas na brincadeira também há outros elementos “invisíveis” aos olhos das crianças, porém presentes no seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Elas adquirem experiências brincando e a brincadeira ocupa uma parcela importantíssima na sua vida. Assim como para o adulto as experiências da vida são fundamentais para o desenvolvimento da personalidade, as das crianças se desenvolvem pela contribuição das brincadeiras inventadas e vividas consigo próprias, com outras crianças e com os adultos. **As crianças expressam os seus sentimentos.**

Na brincadeira, o desenvolvimento das relações emocionais e dos contatos sociais se faz e se enriquece na medida em que os adultos reconhecem o lugar que cabe à brincadeira.

.....
“...Até no sábado acordar às sete horas
Pra treinar na minha escola
Capoeira e natação
Eu já falei pra minha mãe milhões de vezes
Meu Deus do céu eu não sou relógio não
Eu já falei mamãe mil vezes
Além de tudo tem um monte de lição!
Eu sou criança e criança nessa idade
Quer brincar bem à vontade
Sem ter tanta obrigação”
(Agenda Infantil, Palavra Cantada)

.....

Crianças que brincam falam com outras crianças, e sua interação permite expô-la a situações para desenvolver a sua **autoconfiança**, a sua **capacidade de argumentar e desenvolver e/ou defender uma ideia**. Mas as crianças também brincam com adultos e isso é **enriquecedor para o seu repertório** (bem como para o do adulto!) porque permite o **vínculo das gerações** por meio da transmissão de valores e da cultura, com alegria e prazer.



Brincar é uma maneira das crianças encenarem os seus sentimentos, suas emoções (medos, angustias, agressividade...) e uma forma de elaborar os seus conflitos internos. Na brincadeira há um aprendizado sobre o aprender e o ganhar, fundamental para a vida adulta, e isso requer a **habilidade para lidar com a frustração das coisas da vida** e a encarar as **oportunidades de aprender coisas novas** com as situações de perda. Esse é um elemento fundamental para o equilíbrio emocional em todas as dimensões da vida do ser humano.

Ao brincar, a atenção, a criatividade e o raciocínio também estão presentes e de forma muito intensa porque brincar é coisa séria, cheia de prazer e muito importante! As brincadeiras invocam novas linguagens no momento em que as crianças imitam os adultos ou outras crianças; criam personagens; inventam planetas, reinos e imensas florestas terrestres e subaquáticas; inventam novos seres a partir de papelão, areia, argila ou algodão e levam as crianças a pensar sobre a realidade utilizando-se de **recursos criativos, abrindo-se a novas ideias, outras realidades**, excelentes mecanismos para inventar novas brincadeiras porque nelas as crianças aprendem a **innovar, a encontrar soluções, a pensar estrategicamente, a viver novos papéis** e com isso áreas do cérebro relacionadas à **capacidade de tomar decisões, à memória, ao raciocínio lógico, à antecipação de consequências** são desenvolvidas. Quando o autocontrole é acionado na montagem de um quebra-cabeças ou no empilhamento de bloquinhos, a criança brinca e os desafios que se apresentam a cada tentativa, bem-sucedida ou fracassada, a levam a encarar com **determinação** um novo desafio ou a superação da etapa

não vencida. Essa aprendizagem é fundamental para os desafios da vida que a todos nós se apresenta na vida cotidiana.

Ao brincar imitando os adultos, a criança age tendo-os como referência. É a partir deles que ela cria os seus modelos, que ela constitui os seus primeiros referenciais de **valores e princípios** e começa a tomar as suas decisões, a agir tendo como referência o que viu das pessoas que preza.

As brincadeiras e jogos coletivos exigem o **trabalho coletivo** e são escolas vivas de **convivência**, de **atitudes cooperativas e colaborativas**, de importantes trocas, de **atitudes respeitadas**, de **aprendizado sobre os limites** essenciais à vida e ao mundo social. As situações de jogo também estimulam o **raciocínio estratégico** e a convivência com as regras dos jogos levam as crianças a aprender o significado do "vencer a qualquer custo", a conviver com os impasses onde as dúvidas são resolvidas por meio da **capacidade de escuta, de observação, de análise, de argumentação** e da escolha do melhor momento para **tomar a decisão**, além da correta avaliação dos resultados dessa decisão. Há um aprendizado importante para as crianças sobre as regras, pois não se trata simplesmente de submeter-se ao seu cumprimento, mas entender o código que ela traz, questioná-las para compreendê-las é importante, fazer as perguntas para sugerir mudanças quando necessário é uma postura essencial para viver de maneira proativa, crítica e propositiva.

O brincar é coisa séria e é estudado por diversos campos do conhecimento: das teorias socioantropológicas e filosóficas às teorias psicológicas. A contribuição des-

ses campos nos mostra que quanto mais o ambiente em que a criança vive for dotado de condições para que ela cresça estimulada a observar, a imitar as pessoas, a explorar o ambiente e a natureza, a manipular e a encaixar objetos, a construir e desconstruir, a inventar e assim, simplesmente, brincar... maiores serão as suas condições para que ela **conheça o mundo e a realidade que a rodeia porque a brincadeira a levará a isso.**

A convivência com as pessoas nesse ambiente, adultos e outras crianças, é fundamental porque isso **permitirá a sua integração e adaptação ao mundo social.**

Esse ambiente e as pessoas com quem ela convive devem prover e criar as condições para que ela brinque de faz-de-conta com as suas bonecas e bonecos, criando histórias, corrigindo-as, revivendo prazeres ou conflitos (reais ou ficcionais, que seja), porque **brincar é uma forma de expressão de suas emoções.**

E nas suas brincadeiras, quanto mais condições esse ambiente oferecer para que a sua **criatividade e imaginação** sejam estimuladas, avenidas mais amplas de oportunidades para o desenvolvimento de novas linguagens e de formas de pensar serão

geradas, porque o mundo infantil vive e se alimenta de recursos da fantasia e da realidade, sendo que os brinquedos e as brincadeiras permitem às crianças pintar a realidade com as cores da fantasia, permitem colocar a inteligência em movimento, e a isso chamamos de criatividade.

Ao longo da existência e diante de tantos desafios trazidos por esse século, desenvolver-se como alguém com uma **percepção internalizada de que a distância entre os desejos, sonhos e ambições e as realizações depende em boa parte das atitudes, dos esforços empregados por ele próprio, é um fato importante para os educadores da Escola da Escolha.**

Desenvolver uma atitude aberta ao novo, leve e flexível diante da vida, ter formado e mantido laços saudáveis e diversos, são habilidades importantes tanto quanto dominar o Teorema de Pitágoras ou as Coordenadas Geográficas, porque no momento em que necessitar rever seus sonhos, sua visão, ajustar suas metas e estratégias aos fatos e dados da realidade, lá estarão elas, boa parte das habilidades citadas ao longo desse texto, desenvolvidas desde a hora em que, simplesmente, a criança... brinca!





Na Escola, é preciso...

Celebrar toda a inovação e criatividade, bem como promover os espaços e tempos de diferentes formas. Aqui trazemos algumas referências que contribuem para uma prática pedagógica nesta perspectiva, alinhada com o que preconizam os Princípios e práticas do Modelo:

- ✓ Decorar as paredes com arte e outras referências de expressão criativa;
- ✓ Contar às crianças a história sobre artistas, músicos e cientistas;
- ✓ Explorar histórias sobre arquitetura, fotografia ou novas bandas de música;
- ✓ Inserir as novas tecnologias e redes sociais no planejamento das aulas para que elas aprendam a ver a mudança como algo empolgante;
- ✓ Permitir que as crianças tenham autonomia e liberdade para explorar ideias e tomar decisões;
- ✓ Favorecer o acesso a espaços e materiais importantes para a promoção do processo criativo;
- ✓ Encorajar a leitura por prazer e a participação em atividades artísticas;
- ✓ Aceitar que as crianças tenham opiniões divergentes;
- ✓ Aceitar que discordem e estimular a busca por novos caminhos para atingir uma solução, ou várias soluções para um mesmo problema. Quando elas resolverem um desafio, pedir que o façam novamente, mas de outra maneira;
- ✓ Não dar tanto valor aos resultados. Valorizar o processo e não o produto final.



O Papel do Educador é...



O Educador exerce papel fundamental no desenvolvimento da criatividade na criança.

Para Maria Lúcia Aranha & Maria Helena P. Martins (1986), é possível afirmar que, como capacidade humana, a criatividade pode ser desenvolvida ou reprimida, a depender das condições oferecidas pelos ambientes onde a criança vive, seja familiar, escolar, com os amigos ou no lazer.



É fundamental que o educador tenha claro na sua prática pedagógica

que a oferta de condições ao pleno exercício do comportamento exploratório e do pensamento divergente são muito importantes; e estes podem ser vividos nas atividades cujas reações levam a muitas respostas possíveis, incentivando o uso da imaginação, da criação, da interrogação constante, da receptividade a novidades e do desprendimento para ver o todo sem preconceito e sem temor de errar.



Como educador, o estímulo permanente, ao invés da repressão, é o comportamento idealizado.

Aqui, entenda-se por repressão não apenas o ato de impedir reprimindo o gesto, mas também o de impedir negando as condições para que as atividades sejam realizadas, e além disso, quando é enfatizado o não assumir riscos e o ficar no terreno seguro da repetição daquilo que já é conhecido, tanto pelas crianças quanto pelo educador.



A criatividade não é algo que uns têm e outros não. É na verdade, uma potencialidade

que todos podemos desenvolver e, potencialidade está profundamente ligada com um dos Princípios Educativos que veremos a seguir.

O Protagonismo



O Protagonismo tem grande importância no Modelo da Escola da Escolha. Ele se apresenta como Premissa no Modelo de Gestão e Princípio Educativo, Metodologia de Êxito e Prática Educativa no Modelo Pedagógico.

Como Metodologia de Êxito, é oferecido como um dos componentes curriculares da Parte Diversificada do currículo para os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental.

Como Princípio Educativo, se torna prática no “chão da escola” por meio de um conjunto de Práticas Educativas de Vivências em Protagonismo realizadas pelos estudantes de variadas maneiras, em níveis diferenciados de autonomia, nas distintas etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio.



Suas práticas e vivências são detalhadamente apresentadas no Caderno de Formação - Práticas Educativas.

No Caderno de Formação - Eixos Formativos, observa-se com clareza que os Anos Iniciais do Ensino Fundamental são o período ideal para o desenvolvimento do comportamento pró-social que no futuro levará ao nascimento do Jovem Protagonista tratado a seguir.

A palavra Protagonismo, de origem grega, usada no teatro, na literatura e, mais recentemente, na sociologia e na política para ilustração dos atores sociais como agentes principais dos seus respectivos movimentos, cede também à educação o seu uso. Dessa forma, **os educadores passam a chamar de Protagonismo os processos, movimentos e dinamismos sociais e educativos, nos quais os adolescentes e jovens, apoiados ou não pelos seus educadores, assumem o papel principal das ações que executam.**

Educar pela perspectiva do Protagonismo

*“Jovem, Olha! A vida é nova...
a vida é nova e anda nua,
vestida apenas com o teu desejo.”*

Mario Quintana

Uma resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (de 13 de março de 1996, intitulada Programa de Ação Mundial para os Jovens até o ano 2000 e anos subsequentes) reporta que, em todas as partes do mundo, os jovens dese-



jam participar plenamente da vida em sociedade. Esse dado é o que nos permite passar dos estereótipos às proposições.

Se os jovens querem participar da vida em sociedade, mas não o estão fazendo, significa que não tem havido espaço em que possam se expressar no vigor de sua vitalidade. Antonio Carlos Gomes da Costa conceitua Protagonismo Juvenil como sendo a designação para a “participação de adolescentes atuando como parte da solução, e não do problema, no enfrentamento de situações reais, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla”.



A vida aspira a mais vida e é esse o recado dos jovens de todo o mundo quando declaram que querem participar da vida social de maneira plena.

Na perspectiva do Protagonismo, tratar o adolescente e o jovem como solução do problema significa extrapolar os modelos então adotados e considerar uma concepção mais ampla do ser humano, que abrange o próprio desenvolvimento do seu potencial.

Essa perspectiva se alinha com os fundamentos que nortearam a concepção do Modelo e ratifica a afirmação de que todo ser humano nasce com um potencial e que tem o direito de desenvolvê-lo. Para isso, é preciso ter oportunidades que efetivamente desenvolvam potencialidades, e estas se encontram nas Metodologias de Êxito e Práticas Educativas.



Na Escola, é preciso...

- ✓ Conceber os educandos como fonte e não simplesmente como receptores ou porta-vozes daquilo que os adultos dizem ou fazem com relação a eles;
- ✓ Assegurar a criação de espaços e de mecanismos de escuta e participação;
- ✓ Não conceber Protagonismo enquanto projeto ou ações isoladas, mas como participação autêntica dos educandos.



O Papel do Educador diante do Protagonista é...



Ajudá-lo a identificar a situação-problema e posicionar-se diante dela.



Empenhar-se para que ele não desanime e nem se desvie dos objetivos do grupo.



Favorecer o estabelecimento de vínculos entre os membros do grupo.



Zelar permanentemente para que a iniciativa dele seja compreendida e aceita pelos outros e pelos adultos.



Colaborar como seu apoiador e incentivador.

Da potencialidade à potência: para uma juventude criativa, solidária, autônoma e competente

“O Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolver-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso”

Antonio Carlos Gomes da Costa

O Protagonismo possibilita ao educando o exercício de práticas e vivências de situações de aprendizagem por meio das quais exercitará as condições essenciais para o seu desenvolvimento pessoal e social, que tem sua base na própria construção da identidade e no desenvolvimento da autoestima – marcos fundamentais do Projeto de Vida.

Ao mesmo tempo, ao problematizar situações e decidir se envolver na busca de soluções, ele está dando os primeiros passos rumo à extrapolação do que separa a vida privada da vida pública. Começa a estabelecer novos vínculos de compromisso com aquilo que transcende o seu próprio universo e passa a constituir um nível mais alto e mais profundo de ação, inaugurando um novo espaço de descoberta e experimentação social, um apelo à consciência ética e ao compromisso cidadão.

O Protagonismo trata também de um dever quando implica as questões ligadas ao bem comum. Tanto quanto sujeito que pratica a ação protagonista, o educando é, ao mesmo tempo, o objeto desta mesma ação.



Da relação educador-educando

“...eles e suas múltiplas juventudes são essenciais para as nossas vidas, são como uma tarefa a realizar, são a nossa chance de futuro.”

Thereza Barreto

A concepção de educação subjacente ao conceito de Protagonismo é aquela que trata do ato de educar como sendo capaz de transformar o potencial do ser humano em competências, habilidades e capacidades.

Da potência à ação: a juventude participativa e atuante

Nas ações de Protagonismo o estudante se mobiliza em torno de atividades que extrapolam o âmbito dos seus interesses individuais e familiares, e podem ter como espaço a escola, a vida comunitária (igrejas, clubes, associações, etc.), até mesmo a sociedade em sentido mais amplo.

A quantidade e a qualidade das oportunidades de participação que os educandos usufruírem na vivência de situações reais influenciarão no desenvolvimento de sua autonomia, de sua autodeterminação, que repercutirá ao longo de sua vida familiar, profissional e social.

Há uma relação direta entre receptividade, incentivo, apoio e envolvimento por parte dos adultos ou, ao contrário, de indiferença, suspeita, censura e hostilidade que despertam contrarreações por parte dos educandos, que variam da motivação à divergência e apatia.

- **Participação autêntica dos educandos é influir, por meio de palavras e atos, nos acontecimentos que afetam a sua vida, e a vida de todos aqueles em relação aos quais ele assumiu uma atitude de não-indiferença, uma atitude de valoração positiva.**
- **A escola é lugar privilegiado para um primeiro exercício dessa participação, sendo ela a primeira etapa do ingresso das crianças, adolescentes e jovens na dimensão da vida pública.**



A relação entre os Princípios da Experimentação e o Protagonismo

Há uma relação direta entre a atuação que o estudante terá na sua adolescência e juventude e os estímulos a que foi submetido na sua formação durante os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Vejamos:

Uma prática pedagógica fundamentada no princípio da Experimentação favorece a vivência de autênticas situações onde o interesse e a curiosidade em torno de problemas a resolver leva as crianças a pensar e agir diante da situação, testando as suas alternativas e ideias.

Um protagonista identifica uma situação-problema e posiciona-se diante dela atuando como parte da solução.

Uma prática pedagógica fundamentada no princípio da Experimentação favorece a criação de situações onde vida e educação não se separam, pois é pela experimentação sobre e do mundo que se aprende.

Um protagonista se mobiliza em torno de atividades que extrapolam o âmbito dos seus interesses individuais e familiares.

Uma prática pedagógica fundamentada no princípio da Experimentação favorece a convivência de estudantes e professores como possuidores de experiências próprias que são consideradas no processo de ensino e de aprendizagem.

Um protagonista atua de maneira colaborativa.

Os Quatro Pilares da Educação

“Sabemos o que somos, mas ignoramos no que podemos nos tornar”

Hamlet. 4º ato, cena 5. William Shakespeare



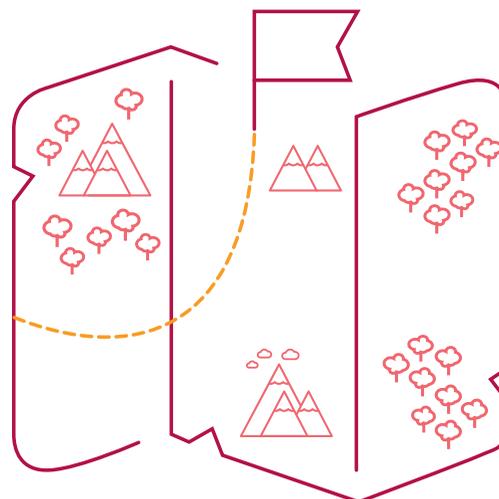
Os Quatro Pilares da Educação são apresentados como um dos Princípios Educativos no Modelo da Escola da Escolha. Para a sua leitura na perspectiva dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental recomendamos considerar que neste Caderno eles não são tratados na especificidade da prática pedagógica relativa a essa etapa de ensino, mas numa visão ampliada conforme trazido pelo próprio relatório da UNESCO, como veremos a seguir.

No início da década de 1990, a Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI da UNESCO criou uma agenda de debates relacionando educação e sociedade. Tinha em vista concepções e práticas pedagógicas frente ao nascimento do novo século, que prenunciava a intensificação da oferta e meios para circulação de conhecimentos, armazenamento de informações e comunicação. O conhecimento será sempre ampliado. No passado, porém, isso ocorria num processo gradual e aparentemente controlável. Hoje, o conhecimento e a geração de informações crescem a taxas geométricas e os meios de comunicação se tornam a cada dia uma agência de informação dominante em todo o mundo, ainda que por vezes involuntária.

Naquela década, foi criada uma comissão composta por educadores reconhecidos mundialmente, sob a coordenação do então Ministro da Cultura da França, que delinearão as trilhas pelas quais a educação deveria avançar neste início de século, assumindo que (a educação) “(...) surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social”.

O relatório da Comissão, intitulado **Educação: um tesouro a descobrir**, de 1996, trouxe com força a reflexão e discussão em torno da busca contínua “de uma concepção e de uma prática educacionais que revelem a todos o valor do aprendizado ao longo da vida e possibilitem a emergência de todos os nossos talentos, individuais e coletivos”.

O relatório convida a pensar na educação ao longo da vida como uma maneira de lidar e viver no mundo contemporâneo marcado por transformações rápidas e profundas, além de





apoiar no discernimento de quais informações são relevantes, entre tantas que surgem a cada milissegundo e de todos os cantos do planeta. Essa visão educacional deve ajudar os seres humanos a usufruírem das oportunidades ao seu alcance e ajudar a criar novas oportunidades para aqueles que vierem depois.

Nessa visão prospectiva, a mensagem do relatório é clara:

- O objetivo da educação não se restringe à transmissão de conhecimentos, mas também à criação de um desejo de continuar a aprender por toda a vida a partir do reconhecimento de que aprender é viver em transformações de si próprio e dos outros;
- A necessidade de refletir e criar oportunidades de convivência e a gestão de conflitos no convívio pacífico e de prática cidadã;
- O equívoco sobre a percepção de acumulação de determinada quantidade de conhecimentos da qual se possa se abastecer indefinidamente;
- A perfeita noção de que aprendizagem ao longo de toda a vida envolve o desenvolvimento de conhecimentos, competências e valores em todas as dimensões e em todas as fases da vida de uma pessoa, desde a infância até a idade adulta, em qualquer nível ou espaço de ensino e em qualquer cultura;
- O reconhecimento de que aprendizagem não é apenas um processo intelectual, mas o meio fundamental para o desenvolvimento do indivíduo por meio de todas as dimensões da vida humana, considerando o seu desenvolvimento pessoal, social e produtivo;
- O indicativo de um ideal antropológico em termos de formação humana que, se perseguido com competência e persistência, poderá contribuir sobremaneira com as futuras gerações;
- A perspectiva filosófica e educacional coloca a sociedade diante de uma nova proposição de formação humana educativa ampliada, em que aqueles que aprendem devem fazê-lo de modo que sintam prazer em aprender, desenvolvam interesses variados e queiram nutrir suas mentes para o resto de suas vidas, inspirados por um ideal de formação a exemplo da Paideia.





Assim, o relatório indica que à educação “cabe fornecer, de alguma forma, os mapas de um mundo complexo e em movimento constante e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar nele.” E ainda, que “é necessário estar à altura para aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer esses primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança”.

Para responder à visão e ao desafio do relatório, a Comissão propõe que a educação deve se organizar em torno de quatro pilares do conhecimento. Isso é o contrário do que tem sido a expressão do ensino formal, orientado prioritariamente pelo desenvolvimento das capacidades cognitivas.

Nenhum pilar se sobrepõe a outro, e todos devem ser objeto de igual atenção durante o processo estruturado de educação. Só assim ela será uma experiência a ser concretizada ao longo da vida, em todas as suas dimensões, tanto no plano pessoal como no social.

Uma nova e ampla concepção de educação passa a ser uma condição essencial para responder aos desafios do novo século, no qual se supere a visão instrumental de educação e se passe a considerá-la como o meio para a realização da pessoa em toda a sua plenitude, ou seja, aquela que “aprende a ser”.

Essa percepção pode ser ilustrada pelo fato dos autores considerarem os “pilares” como “aprendizagens” e não se referirem como “competências” ou mesmo “conhecimentos”.

‘Aprender a conhecer’ é participar da pesquisa e do processo de construção do conhecimento.



A ideia grega de Paideia estava ligada a um ideal de formação educacional, que procurava desenvolver o homem em todas as suas dimensões, de tal maneira que pudesse ser um melhor cidadão, atuando na universalidade do bem, do justo e do belo.

É a própria cultura construída a partir da educação, o ideal que os gregos cultivavam do mundo, para si e para sua juventude.

A Paideia combinava ethos (hábitos) que o fizessem ser digno e bom, tanto como governado quanto como governante. O objetivo não era ensinar ofícios, mas sim treinar a liberdade e a nobreza.

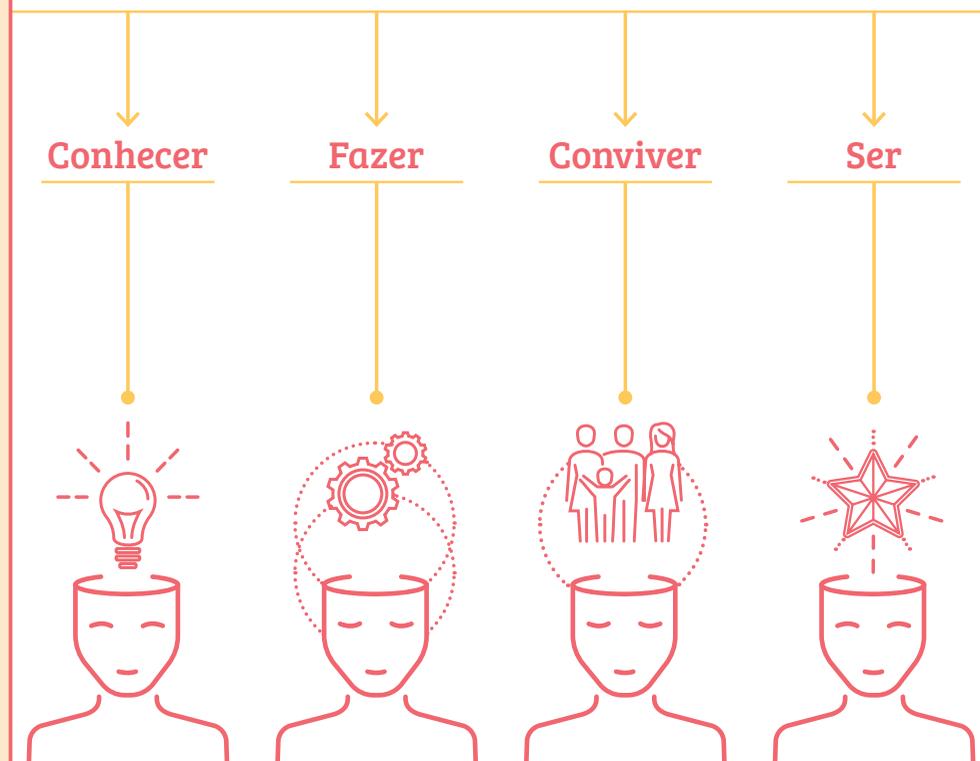


PARA SABER MAIS:

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.



Os Quatro Pilares da Educação



‘Aprender a fazer’ é muito mais do que aprender como é feito. É também construir os modos e os instrumentos da ‘feitura’. Finalmente, ‘aprender a conviver’ não se reduz ao conhecimento das convivências – geralmente marcadas pela competição e pelos conflitos – mas se estende à busca do conhecimento das diversidades étnicas, econômicas, políticas, sociais, religiosas e culturais e participa das estratégias de reconstrução da convivência na diferença.

O ideal formativo do Relatório Educação: Um tesouro a descobrir

Os Quatro Pilares são as aprendizagens fundamentais para que uma pessoa possa se desenvolver plenamente, considerando a progressão das suas potencialidades, ou seja, a capacidade de cada um de fazer crescer algo que traz consigo ou mesmo que adquire ao longo da vida.



Aqui se entende com mais clareza a metáfora anunciada no título do relatório, a de que cada pessoa traz em si um tesouro a descobrir desde que submetida a um processo educativo, seja a Educação Básica, a Educação Profissional, a Educação Superior, a Educação Empresarial, entre outros âmbitos nos quais se realiza uma ação educativa.

Pilar do Aprender a Conhecer

Essa aprendizagem vai além do domínio do conhecimento e não se limita à aquisição de um acervo de saberes propriamente ditos. Ela se estende ao domínio da forma como se adquire o conhecimento e das diversas maneiras como cada um irá lidar por meio do acesso ou da sua produção. Para Jacques Delors: “aprender a conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento.”

A literatura a trata como simultaneamente um **intermédio** e uma **finalidade**. É meio, porque através dele se pretende que cada um aprenda a compreender e a lidar com a complexidade do mundo e do seu entorno sob os seus diversos aspectos, condição necessária para viver dignamente, para desenvolver possibilidades pessoais e produtivas, para desempenhar um papel muito mais ativo na determinação da verdade, beleza e bondade, que impregnarão suas próprias vidas.

Além da “aquisição” de conhecimento por meio de formas meramente descritivas; isso pressupõe compreender as bases e as condições em que se produzem os diferentes tipos de conhecimento e de pensamento.

De modo geral, tratando-se de conhecimentos científicos, por exemplo, a escola ainda põe em prática concepções cuja origem remontam ao século XVIII, “transmitindo” conhecimentos acriticamente só por estarem previamente validados com o estatuto científico (como se condições subjetivas e intuitivas não estivessem implicadas na construção de grandes teorias científicas e como se teorias científicas não pudessem ser questionadas nos termos de suas proposições, como tratado em Chalmers).

“Na prática, podemos dizer que esse pilar era o centro das descobertas, das novas aprendizagens em sala de aula. Isso acontecia quando associávamos conteúdos nas aulas interdisciplinares, quando descobríamos como ter um novo olhar sobre um determinado assunto mesmo que já o conhecêssemos. Além do uso das salas temáticas, nos laboratórios tínhamos grandes experiências de como aprender a construir novos conceitos, de obtermos novos e variados conhecimentos.” - Olga Lucena, estudante

E é fim, porque o prazer de descobrir, de conhecer e de compreender o mundo e as suas múltiplas formas de realidade é um fundamento para a aquisição da autonomia na





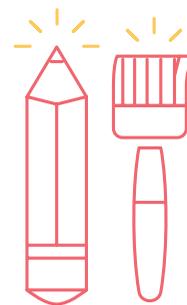
capacidade de discernir. A produção de conhecimento pressupõe um altíssimo trabalho criativo. De muitas maneiras, a escola ainda faz opções distantes dessa perspectiva.

Essa descoberta e compreensão do mundo se dá a partir do despertar da curiosidade intelectual e do espírito crítico, da apreciação do ato de questionar, de investigar, da alegria do pesquisar, conhecer, compreender, descobrir, construir e reconstruir, criar e recriar o conhecimento e a qualidade das relações que se estabelece com ele e as possíveis formas como o conhecimento pode qualificar a vida humana.

A Comissão considera que a Educação Básica será bem-sucedida se conseguir levar às pessoas as bases fundamentais e o desejo para continuar aprendendo ao longo de sua vida, em suas várias dimensões. Manter-se em dia com o que acontece em distintas áreas de interesse, refletir sobre os seus significados e procurar manter atualizada a sua compreensão é fundamental. Estar alerta a respeito da preservação de certos hábitos de pensamento e ação, mesmo que cômodos, e ser permeável a novas linhas de pensamento e ação, mesmo que incômodos, requerem novos aprendizados e o questionamento desses aprendizados.

Para isso, Aprender para Conhecer deve integrar os três domínios da metacognição:

- **Aprender a aprender:** é a capacidade da pessoa em praticar o **autodidatismo**, ou seja, compreender, refletir e assimilar determinado conhecimento a partir de si próprio e dos recursos de que dispõe. É alguém capaz de acionar os mecanismos para o aprendizado, que não é passivo, e que vai ao encontro daquilo que deseja conhecer, desde a sua necessidade até a sua aplicação. É também um recurso para se permitir ser afetado pelo inédito e não temer o desconhecido;
- **Ensinar o ensinar:** é a capacidade da pessoa em praticar o **didatismo** a partir do domínio de conhecimentos e de estratégias capazes de transmiti-los de forma metódica, clara, objetiva e acessível a outras pessoas, considerando a sua capacidade de assimilar e interagir com esse conhecimento. É alguém que motiva o outro a conhecer, a querer conhecer e que o compromete com esse processo, apoiando-o no desenvolvimento e na descoberta de suas capacidades;
- **Conhecer o conhecer:** é a capacidade da pessoa em praticar o **construtivismo**, transitando pelo caminho da construção do conhecimento, mobilizando a sua condição para analisar, sintetizar e interpretar dados, textos, fatos e situações diversas.



→ **A metacognição, consciência da pessoa dos seus próprios processos de pensamento, ajuda as crianças a monitorar a sua compreensão do que leem e permite que elas desenvolvam estratégias para resolver quaisquer problemas – ler devagar, reler passagens difíceis, tentar visualizar a informação e pensar em exemplos (National Reading Panel, 2000).**

Essa aprendizagem está presente na prática pedagógica quando:

- O método científico é introduzido nos desenhos curriculares, estimulando a capacidade de observação, a atenção e o exercício da memória associativa;
- São desenvolvidas estratégias que levam os estudantes a observar o seu entorno e a estabelecer relações entre aqueles que os rodeiam;
- Os estudantes são estimulados a questionar sobre o que não conhecem, a buscar novas informações e aprender a selecionar o que é relevante e o que não os ajuda a responder seus questionamentos;
- As atividades de monitoria acadêmica são encorajadas e apoiadas junto aos estudantes.

Pilar do Aprender a Fazer

Os Pilares Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer guardam uma relação importante entre si, ainda que Aprender a Fazer esteja mais ligado ao âmbito da formação profissional, mas não restrito a ele.

As mudanças na geografia do mundo do trabalho contemporâneo alteram as qualificações exigidas pelos processos produtivos. Caracteriza-se um movimento que a literatura intitula “desmaterialização do trabalho”.



O fazer deixou de ser puramente instrumental. Valoriza-se a competência pessoal, que torna a pessoa apta a enfrentar novas situações, e não apenas a restrita qualificação profissional. Não basta se preparar para se inserir no mundo produtivo. A rápida evolução pela qual passam as profissões exige não apenas níveis superiores de instrução, mas que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações nas quais trabalhar em equipe de modo cooperativo, gerenciar e resolver conflitos, desenvolver espírito contributivo e atitude de humildade se tornam valores imprescindíveis ao trabalho coletivo. Ou seja, qualidades humanas que se manifestam nas relações interpessoais e que são mantidas no trabalho passam a ser mais apreciadas.

Essa aprendizagem está presente na prática pedagógica quando:

- Os estudantes são envolvidos em processos que conduzem a resultados, conclusões e/ou compromissos com a prática cooperativa para a geração de resultados comuns.

“Se tivéssemos de eleger um jargão popular para ilustrar esse pilar, o mais indicado seria ‘pôr a mão na massa’. A todo o momento éramos instigados a fazer nossos trabalhos de forma diferente. Dentre as características e os exemplos que identificamos nesse pilar, podemos destacar que a capacidade de iniciativa, a criatividade e a autonomia dos jovens são fundamentais no processo de descoberta de como fazer as atividades de maneira diferente do comum. Trabalhado na TESE, esse pilar se destaca na vida dos jovens, que assimilam essa forma estruturada de agir e que contribui nas diversas áreas de sua vida. Mais tarde, isso é refletido no seu diferencial competitivo no ambiente profissional”

Olga Lucena, estudante

A flexibilidade é essencial, assim como a capacidade de ter iniciativa e de se comunicar, não apenas na retenção e transmissão de informação, mas também ampliada para a capacidade de interpretar e selecionar a abundância de informações, muitas vezes contraditórias, de analisar diferentes perspectivas e refazer as próprias opiniões mediante novos fatos e informações. Aprender a fazer envolve uma série de competências produtivas a serem desenvolvidas pelo domínio de habilidades básicas, específicas e de gestão, que possibilitarão a inserção das pessoas no mundo produtivo. Uma grande parte dessas habilidades encontra-se no **Caderno de Formação - Eixos Formativos: Competências para o Século XXI**.



Pilar do Aprender a Conviver

A aprendizagem de que trata esse pilar é a de desenvolver a compreensão e aceitação de si próprio e do outro, e a percepção da interdependência entre os seres humanos no sentido do convívio, do trato, da realização de projetos comuns, da preparação para aprender a gerir conflitos respeitando valores plurais, da compreensão mútua e da convivência pacífica.

Nos discursos correntes, identifica-se cada vez mais o reconhecimento da necessidade da coexistência pacífica e harmônica entre as pessoas e entre as pessoas e os lugares. No entanto, também se é jogado diante da hostilidade gratuita, da indiferença e da aridez do cotidiano.

A Filosofia, a Sociologia e outras áreas do conhecimento chamam a atenção para a natureza humana caracterizada pela construção de vínculos, de laços e de relações, e pela ideia de que não há existência humana sem que haja comunicação e diálogo, e que os objetos não existem sem que haja interação entre eles.

Cada um traz consigo um acervo de experiências, de conhecimentos, de herança cultural, de valores, de características e distintas formações. Nas relações que se estabelecem entre as pessoas, não é o conhecimento nem os bens materiais que o sujeito carrega que permitirá o reconhecimento de um pelo outro, mas a sua história, a sua narrativa. E é nesse reconhecimento que se instalam as qualidades da relação, seja tensa ou integradora, construtiva ou predadora, harmônica ou conflituosa, de troca ou usurpação, de crescimento ou aniquilamento, de ódio ou compaixão, de respeito ou desprezo.

A sociedade partilha de um destino comum. Aprender a viver junto, com igualdades, semelhanças e diferenças é vital para que nunca se perca de vista a referência de que há uma condição que torna todos iguais: a consciência da incompletude e impermanência.

“Podemos exemplificar de duas formas como aprendíamos a conviver e a trabalhar com o outro. Conhecer o outro faz parte do processo de identificação, de respeitar as diferenças, de saber conviver com as singularidades de cada indivíduo, de se colocar no lugar do outro, reconhecendo a necessidade de entender suas potencialidades e seus limites. Para trabalhar com o outro é necessário desenvolver a capacidade de reconhecer que o outro jovem é um parceiro em sala de aula e poderá ser um parceiro profissional no futuro. É preciso aprender a valorizar as características pessoais que contribuem para a execução de projetos comuns, a admitir que outras pessoas possuem aptidões que às vezes não possuímos e que se trabalharmos em equipe, nossas habilidades se complementarão.”

Olga Lucena, estudante



Essa aprendizagem está presente na prática pedagógica quando:

- A escola promove e cultiva um ambiente que trata a diversidade como valor, praticando e inspirando a tolerância e o respeito;
- As diferenças culturais, étnicas, físicas, sensoriais, intelectuais ou religiosas são tratadas como oportunidades para aprender a compartilhar outras formas de pensar, de sentir e de atuar;
- O conflito não é evitado ou negado, mas enfrentado a partir do diálogo que compromete os envolvidos na sua resolução;
- A solidariedade é um valor presente nas relações entre a comunidade escolar (os educadores, estudantes e suas famílias);
- Os estudantes e educadores aprendem a argumentar e a defender ideias se apoiando em fatos, conceitos, princípios e valores.

Pilar do Aprender a Ser

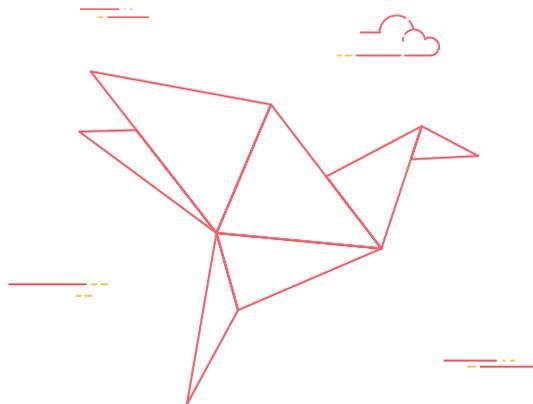
A parte mais importante dessa aprendizagem é a afirmação de que Aprender a Ser é dispor de um conjunto de competências que possibilitem alguém a se relacionar melhor consigo mesmo como condição para se relacionar com os outros e com as suas circunstâncias naturais, sociais, econômicas, políticas e culturais, além de se relacionar com a dimensão transcendental, de natureza religiosa ou não.

Essa comissão adere ao postulado anunciado no referido relatório: “o desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade de suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos”.



Em 1971, Edgar Faure presidiu a Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, uma das primeiras iniciativas da UNESCO frente ao diagnóstico de crise na educação mundial. O relatório é considerado um marco importantíssimo na história do pensamento educacional da Organização.





O Aprender a Ser prepara o indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e formular seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo perante as diferentes circunstâncias da vida. Ajuda a desenvolver a competência pessoal, que é a capacidade da pessoa para agir com autonomia, responsabilidade e compromisso na relação consigo próprio, na convivência com os outros e com os meios nos quais estão e na construção de um Projeto de Vida que leve em conta o seu próprio bem-estar e o da comunidade.

Esse pilar conjuga as demais competências na medida em que, se desenvolvidas, contribuem para a ampliação das potencialidades humanas inscritas nos seus vários domínios.

A educação é o caminho para esse desenvolvimento se ela for tratada numa visão mais ampla do que simplesmente a transmissão de conhecimentos. Fala-se aqui de educação como meio para levar o ser humano ao que Abraham Maslow considera como sendo autorrealização.

Essa aprendizagem está presente na prática pedagógica quando:

- Os estudantes são estimulados, a partir de situações reais e cotidianas, a desenvolver a capacidade de reflexão e reconhecimento da existência do outro, de dominar a si próprio pelo autocontrole, de assumir as consequências da ação ou da não ação, respondendo por aquilo que escolhe e aprende a deliberar entre alternativas.



O encontro do ser com o querer ser

“O que uma pessoa poderá ser, deverá ser”.

Abraham Maslow

Uma das mais altas necessidades do ser humano é a de se autorrealizar, poder desenvolver as suas potencialidades, de se tornar aquilo que tem potencial e usufruir ao máximo daquilo que pode produzir. Não preencher essa necessidade é como limitar a vida a um conjunto de realizações sem sentido nem significado.

Nos seus estudos para identificar as habilidades relativas a esta competência, o professor Antonio Carlos Gomes da Costa elencou doze:

Autoconhecimento: numa perspectiva epistemológica, quer dizer conhecer-se como resultado da capacidade de pensar sobre si próprio e, numa perspectiva filosófica, ampliando a leitura para outras dimensões que não apenas a razão (o logos) mas também a emoção (o pathos), o instinto (o eros) e a espiritualidade (o mythos). O autoconhecimento conduz à autocompreensão e à auto aceitação, que levam o ser humano a dizer “sim” a si mesmo. Reconhece suas forças para agir e decidir nos diversos campos da sua vida, fazendo uso dos seus conhecimentos e das suas capacidades. Consciente das suas limitações, adota a postura de buscar apoio e aprende a realizar junto aos outros.

Autoestima: relaciona-se à aceitação e à valoração que a pessoa faz sobre si próprio. É da capacidade de se aceitar e de se compreender que nasce e se cultiva o sentimento sobre si mesmo e, por consequência, a base das competências sociais.

Autoconceito: conceituar a si próprio pela razão e não pela emoção. Um conceito positivo sobre si próprio se relaciona com a aceitação que a pessoa tem de si mesma, sua autoestima.

Autoconfiança: a convicção de ser capaz de realizar algo e de enfrentar os desafios, por que dispõe das forças, das capacidades, das condições e do discernimento para avaliar e decidir. Da capacidade de reconhecer que, se necessário, saberá dispor do apoio de outros, o que diferencia essa habilidade da autossuficiência e da prepotência.

Autovisualização: projetar a vida a partir de uma visão que se constrói do próprio futuro é essencial. As pessoas que constroem uma imagem afirmativa, ampliada e projetada no futuro e atuam sobre ela, têm mais possibilidades de realizá-las do que aquelas que sonham, mas, pela ausência de um plano, não conseguem projetar de forma nítida o que pretendem fazer. Aquelas que têm uma visão estão comprometidas, direcionadas, fazem-



do algo de concreto para levá-las na direção dos seus objetivos. Uma visão sem plano para realizá-la é uma fantasia, uma ficção.

Autoproposição: a capacidade de projetar no futuro os sonhos e ambições e traduzi-los sob a forma de um plano com objetivos, com metas estabelecidas, prazos para a sua realização e ações. Não é apenas o despertar sobre os sonhos, ambições e aquilo que deseja para a sua vida, mas o agir sobre eles. É a experiência da elaboração do Projeto de Vida, de conferir sentido e significado para a vida, perante si próprio, com quem se relaciona e com os compromissos que assume.

Autotelia: a capacidade do ser humano em definir a própria orientação que deseja afirmar para a sua vida.

Autonomia: a capacidade do ser humano em tomar as próprias decisões baseadas nos seus conhecimentos, crenças e valores e responder por elas.

Autopreservação: a resiliência traduz autopreservação como sendo a capacidade de o ser humano lidar com problemas, superar dificuldades, resistir à pressão de situações adversas e crescer por meio delas numa perspectiva positiva. É proteger a integridade psicológica e moral diante de situações de extrema pressão e ser capaz de desenvolver posturas construtivas. É resistir e crescer na adversidade. Ela é variável, construída num processo de interação do ser humano consigo próprio e com o meio ambiente ao longo de toda a vida.

Autorrealização: é a plenitude do desenvolvimento do ser humano considerando as suas potencialidades. É a experiência de crescimento que atribui sentido e significado às ações para a sua autorrealização. É comum a ideia de autorrealização ser identificada apenas como conquista do sucesso e da fruição do prazer, que muitas vezes se confunde com realização profissional e de status. Mas aqui se trata da autorrealização construída durante toda a vida, num movimento dinâmico e contínuo.

Autotranscendência: para se realizar, o ser humano deve procurar um sentido para a sua vida fora de si próprio, que o transcenda, que vá além, tornando real todo ou parte do seu potencial nos diversos âmbitos de sua realidade pessoal.





OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO - DA TEORIA PARA A PRÁTICA

Trazer para a prática a aplicação dessas aprendizagens ainda é um grande desafio para os educadores. O professor Antonio Carlos Gomes da Costa realizou esforços desde meados dos anos 1990 nessa direção. Nos seus estudos nos baseamos para compreender como tratar dessas aprendizagens do campo teórico para o campo da prática pedagógica, ou seja, a sala de aula.

Baseados nos seus estudos, podemos migrar da teoria e trazer os Quatro Pilares da Educação para a prática pedagógica.

Primeiramente se faz necessário refletir sobre alguns pontos:

- Como transformar as **aprendizagens** em **competências**?
- Depois, como podemos identificar as **habilidades** de cada **competência**?
- Mas, não basta identificar as habilidades. Também é preciso identificar as **capacidades** requeridas para o exercício de cada habilidade.
- E, finalmente, para saber se as competências foram desenvolvidas por meio das suas habilidades, é necessário reconhecer os **comportamentos observáveis** capazes de nos permitir a presença ou a ausência de determinada capacidade.

Para apoiar essa reflexão, é necessário alinhar esses conceitos:

Aprendizagem é o processo por meio do qual se adquire o conhecimento e como ele passa a fazer parte da vida. É o comportamento de entrada do conhecimento. É como interagimos, assimilamos, incorporamos, compreendemos, significamos e dominamos um conteúdo. Trata-se, portanto, de uma atividade de natureza interativa e aquisitiva.

Competência é a forma como se utiliza o que foi aprendido e se aplica nas atividades práticas nos diversos âmbitos da atividade humana em suas distintas dimensões: pessoal, social e produtiva. É o comportamento de saída daquilo que se aprende. Ela não se refere, portanto, ao processo de aquisição do conteúdo, mas à sua utilização por parte daquele que o detém.

Habilidade é o domínio por uma pessoa do processo de produção dos atos necessários para a realização de uma atividade, de uma tarefa, uma ação, o desempenho de um determinado papel a realizar a partir daquilo que aprendeu. Alguém competente em alguma coisa é aquele que domina um determinado conjunto de habilidades.

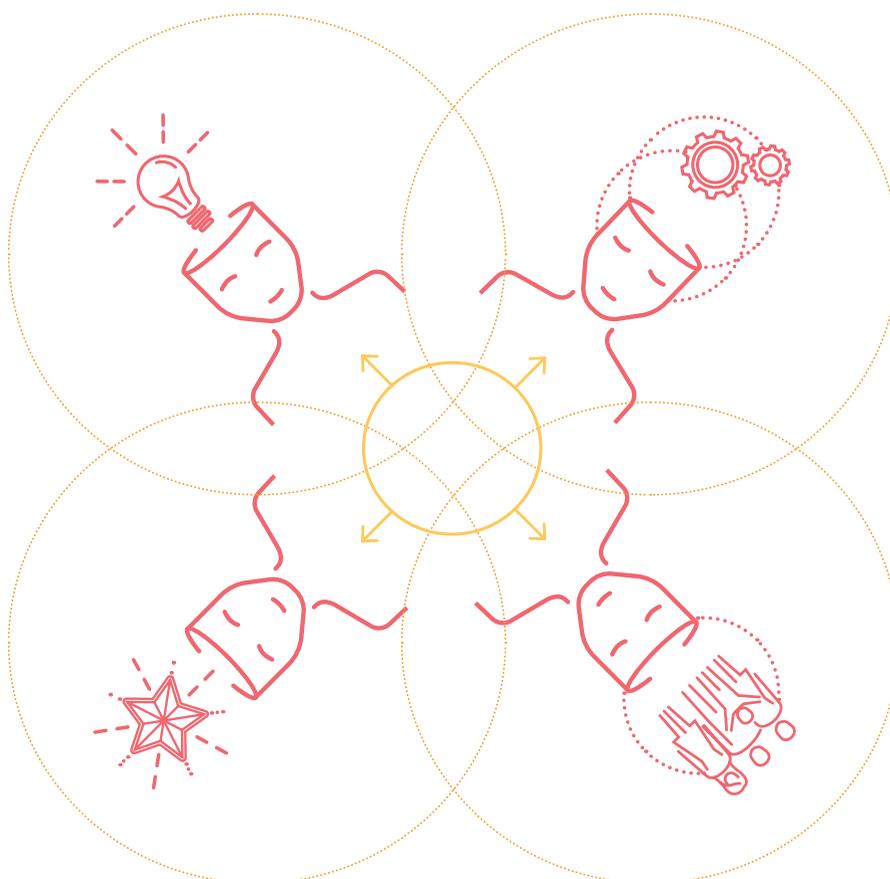


Capacidade é o comportamento esperado, o objetivo ao desenvolver determinada habilidade. Alguém que tenha desenvolvido determinada habilidade é capaz de saber fazer algo, de realizar alguma coisa.

Comportamentos observáveis correspondem ao domínio ou não domínio das capacidades esperadas.

Vamos pensar em situações do cotidiano escolar? Um estudante que está investindo no desenvolvimento de sua competência social, busca fortalecer atitudes relacionadas à relação que desenvolve com o outro. Comportamentos observáveis que podem confirmar a presença do domínio de determinadas capacidades podem ser identificados quando ele se mostra mais tolerante nas situações de conflito, ouve atentamente para poder ser ouvido, demonstra disposição para ampliar o seu círculo de convivência etc.

É importante que toda a Equipe Escolar atue de forma intencional no acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes quando se trata, também, dos Quatro Pilares. Entender quem são os estudantes quando iniciam sua jornada numa Escola da Escolha permite a equipe, ao longo do acompanhamento do desenvolvimento integral deste estudante, mapear e atuar sobre esse desenvolvimento por meio de ações intencionais, como por exemplo a Tutoria.





A Pedagogia da Presença

“Do início ao fim, a vida de cada um de nós se traduz num desejo constante de presença.”

Antonio Carlos Gomes da Costa



A PEDAGOGIA DA PRESENÇA: UM EXERCÍCIO PESSOAL, PROFISSIONAL E CIDADÃO

É o quinto Princípio Educativo eleito para fundamentar o Modelo Pedagógico, fortemente influenciado pela teoria do Prof. Antonio Carlos Gomes da Costa em sua obra.

Esse princípio está presente nas ações de toda a Equipe Escolar, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, por meio de atitudes participativas e afirmativas, ultrapassando as fronteiras da sala de aula. Materializa-se por meio do estabelecimento de vínculos de consideração, afeto, respeito e reciprocidade entre os estudantes e os educadores. É o fundamento da relação entre quem educa e quem é educado e traduz a capacidade do educador de se fazer presente na vida do educando, satisfazendo uma necessidade vital do processo de formação humana.

A essência da Pedagogia da Presença é a reciprocidade. O objetivo central é a mudança da forma com a qual o educando se relaciona consigo mesmo e com os outros, no processo de Aprender a Ser, Aprender a Conviver, Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer, conforme norteiam os Quatro Pilares da Educação propostos pela UNESCO e outro dos Princípios Educativos presentes neste Modelo.

O educador incorpora atitudes básicas que lhe permitam exercer uma influência construtiva, criativa e solidária na vida do educando. Este, por influência dessa relação com o educador, amplia e desenvolve autoconhecimento, autoestima, autoconceito e autoconfiança, o que possibilita o aprimoramento de competências para relações interpessoais e exercício de cidadania, elementos fundamentais para sua formação e futura construção do seu Projeto de Vida.

Na prática, a presença pedagógica se traduz no compartilhamento de tempo, experiências e exemplos entre educador e educando. No ato de educar, educando e educador se tornam visíveis, perceptíveis, e se fazem presentes em seu meio, em seu tempo e em suas histórias, enquanto indivíduos e enquanto membros de suas gerações. O que torna isso possível para o jovem, como explica Antonio Carlos Gomes da Costa, é a percepção de que “alguém compreendeu e acolheu suas vivências, sentimentos e aspirações, filtrou-os a partir de sua própria experiência e comunicou-lhe com clareza a solidariedade e a força para agir”.



OS MEIOS DA AÇÃO EDUCATIVA

Tudo o que se faz para favorecer o desenvolvimento pessoal e social do educando é ação educativa. Isso inclui todas as atitudes, posturas, gestos e ações voltadas para o desenvolvimento pessoal, social ou produtivo do educando, tanto em atividades educativas (formais ou informais) como em atividades de lazer ou profissionais.

Presença Pedagógica é exercício ativo de atenção, de diálogo com intensa escuta do outro e de si próprio.

MAS QUAIS SÃO OS TEMPOS DA PRESENÇA PEDAGÓGICA?

O presente, em que é preciso estar e agir de maneira plena e inquestionável.

O passado, que é preciso compreender: aprender com a experiência acumulada.

Nos planos pessoal e social: lembrar, analisar, sintetizar, interpretar, relacionar dados, fatos e situações do passado e deles extrair lições e princípios para melhor se conduzir no presente e construir o futuro.

O futuro, que é preciso visualizar e construir: quanto mais a pessoa se conhece e percebe suas circunstâncias e sua trajetória até aqui, mais será capaz de traçar um caminho para chegar ao ponto que gostaria de atingir.

O presente, de novo e sempre, ao qual se deve conscientemente retornar para interagir, de maneira plena e inquestionável, no exercício da tarefa de educar.

TRÊS TIPOS DE DIÁLOGO

Para ser capaz de ir até o outro é indispensável partir de si mesmo, ou seja, estar em si mesmo e consigo mesmo (em outras palavras, é preciso presença). O diálogo entre indivíduos é só um esboço. E esse esboço só é preenchido quando há um diálogo entre pessoas. Martin Buber nos traz três tipos de diálogo:

- **Diálogo genuíno** (falado ou silencioso): cada participante realmente tem em mente o outro (ou os outros) em seu ser presente e particular e se volta para ele(s) na intenção de estabelecer uma relação mútua e viva;
- **Diálogo técnico**: motivado unicamente pela necessidade de entender objetivamente alguma coisa. Este é o mais comum na vida “moderna”;





- **Monólogo disfarçado de diálogo:** em que duas ou mais pessoas se encontram no mesmo espaço e cada uma fala apenas consigo mesma de maneira tortuosa, seguindo circuitos estranhos, mas têm a ilusão de troca. Nem para aprender algo, nem para comunicar, nem para convencer, nem para se conectar: apenas para confirmar ou reforçar a autoconfiança.

A RELAÇÃO DE AJUDA NA PEDAGOGIA DA PRESENÇA: RECIPROCIDADE NA REFLEXÃO E NA AÇÃO.

O ICE toma por base as referências de Antonio Carlos Gomes da Costa e o modelo de relação de ajuda desenvolvido por Robert Carkhuff, detalhado e aprofundado por Clara Feldman e M.L de Miranda (1983).

AS FASES DA AJUDA

FASE 1

O educador atende e comunica sua disponibilidade e interesse pela pessoa ajudada, de maneira não-verbal.

O educando se envolve e comunica sua entrega ao processo de ajuda com a expressão verbal e corporal.

FASE 2

O educador responde e comunica compreensão à pessoa ajudada, corporal e verbalmente.

O educando explora avaliando a situação real em que está (problemas, dificuldades, insatisfações) para definir em que ponto está.

FASE 3

O educador personaliza, mostrando ao educando sua parte de responsabilidade na situação.

O educando compreende e estabelece relações de causa e efeito para definir aonde quer chegar.

FASE 4

O educador orienta, avaliando alternativas possíveis juntamente ao educando.





O educando age, iniciando o movimento rumo ao ponto ao qual quer chegar, depois de escolher o caminho a seguir com a ajuda do educador.

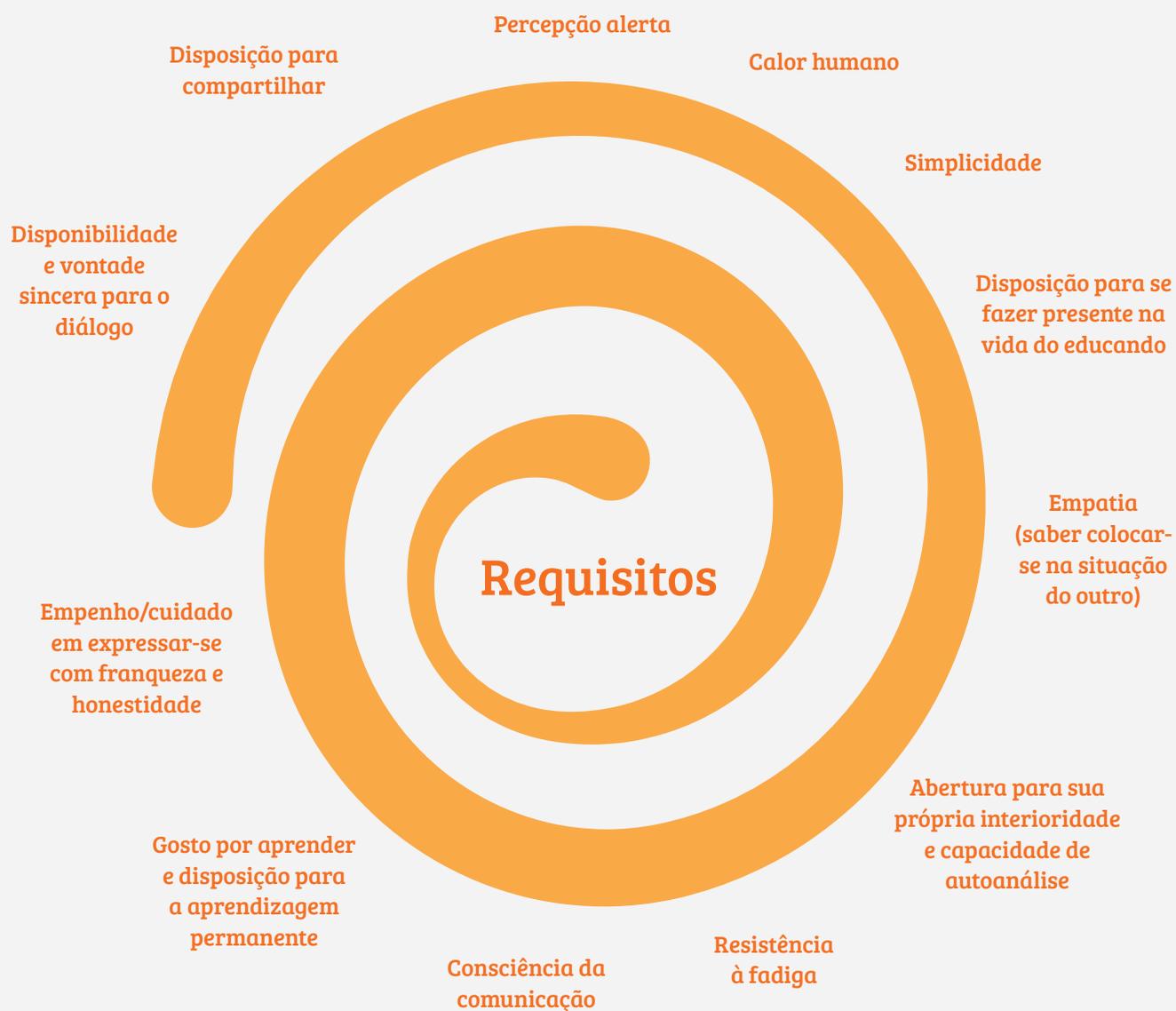
UM PERFIL PARA O EXERCÍCIO DA PEDAGOGIA DA PRESENÇA

Presença não é dom, e é possível aprender a ser/estar presente **se houver a disposição interior** necessária para isso. Essa disposição interior torna possível o envolvimento pleno no ato de educar, pois não basta cumprir um ritual de presença. Ao mesmo tempo, traz a consciência dos limites desse ato porque se entregar de maneira irrefletida e sem limites não é desejável. Antonio Carlos Gomes da Costa identifica três componentes essenciais nessa disposição interior para a presença:

- **Abertura para conhecer**, compreender, envolver-se de maneira sadia na experiência do outro, ir além dos contatos superficiais e da intervenção puramente objetiva e técnica. É essa capacidade de deixar penetrar sua vida pela vida dos outros que torna possível captar seus apelos e responder adequadamente a suas dificuldades e impasses, pré-requisitos para a aceitação e a reciprocidade;
- **Reciprocidade em uma interação** na qual os envolvidos se mostram receptivos um ao outro, se revelam mutuamente, se aceitam e comunicam seus conteúdos sem abrir mão de sua originalidade;
- **Compromisso do educador perante o educando**, com seu envolvimento integral no ato de educar. O educador assume um compromisso que vai muito além da adaptação do educando a uma realidade dada: ele abre espaços e compartilha ferramentas para a construção da presença do educando, na medida em que este amplia sua autonomia e suas bases de liberdade, escolha e compromisso consigo mesmo e com os outros, e se torna mais competente para aproximar e integrar seu ser (o que é) e seu querer ser/tornar-se (o que quer ser/tornar-se).



Alguns requisitos fundamentais para uma presença pedagógica efetiva e próspera, que demanda abertura, reciprocidade, respeito e compromisso:



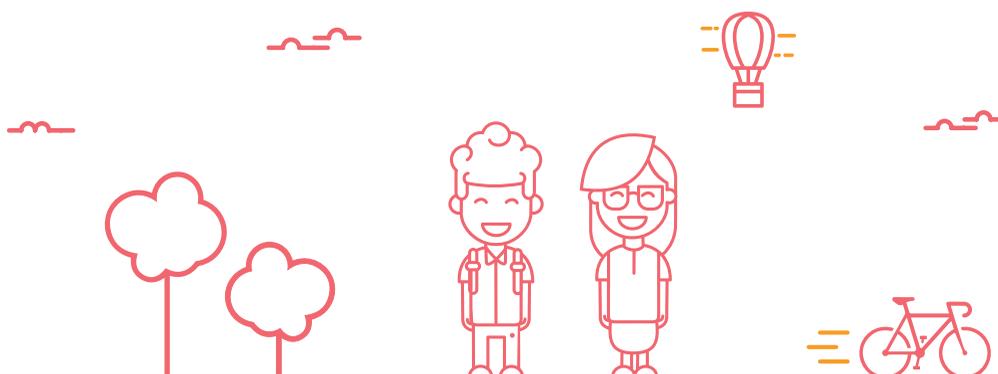
PRESENÇA PEDAGÓGICA DE QUEM?

O exercício da Pedagogia da Presença é tarefa de **todas as pessoas envolvidas em uma instituição dedicada à educação** (pessoal técnico, como pedagogos, professores, psicólogos, assistentes sociais, bibliotecários e outros, pessoal administrativo, gestores). É importante ter em mente que não se trata de trabalho restrito à salas de aula, reuniões, nem a mesas de trabalho: cada pessoa presente no ambiente de educação tem também um papel educador, mesmo informal. É fundamental que cada um conheça e apoie as atividades da comunidade educativa. Na Escola da Escolha, em que cada ambiente é um lugar onde se processam práticas educativas, todos os profissionais envolvidos devem atuar com coesão e cientes de sua corresponsabilidade pelos resultados educacionais na perspectiva de formação do educando. Por isso, é essencial que todos compartilhem das mesmas visões quanto às três questões fundamentais presentes nas bases do projeto escolar concebido a partir desse Modelo:

- O tipo de pessoa que se quer formar;
- O tipo de sociedade para cuja construção se espera que essa pessoa contribua;
- A utilidade e o valor do conhecimento na vida das pessoas.

A PRESENÇA NA SALA DE AULA E NA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

Não importa apenas a aquisição de conhecimentos, mas também a mudança de atitude básica do educando diante da vida. Mesmo que isto pareça ambicioso demais, quem educa de corpo e alma tem que semear utopia, sim – e isso é exatamente o que está na origem da construção futura do Projeto de Vida. O que se espera é, em última análise, que a ação educativa torne possível a vida em comunidades que enriqueçam o espírito humano (Berman, 1991). A única coisa realmente importante é ajudar os educandos a





compreenderem a si mesmos, entenderem o mundo que os rodeia e nele encontrarem seu lugar (Esteve, 2003) em busca da sua plenitude que, em última instância, é o seu Projeto de Vida. Por isso, trabalhar desde cedo os sentimentos, a dimensão da corporeidade, a formação dos valores e convicções é tão importante quanto a transmissão de conhecimentos ou o desenvolvimento de habilidades para o futuro exercício de uma ocupação, serviço ou profissão no mundo do trabalho. Ao lado da transmissão de conhecimentos, o objetivo é trabalhar para assegurar a compreensão do valor humano do conhecimento e como aplicá-lo nas dimensões da vida humana: pessoal, social e produtiva. Na origem de toda ciência, havia um homem ou uma mulher preocupados em entender e desvendar a estrutura da realidade. Cada tema de que um educador vai tratar em uma sala de aula um dia foi investigado e organizado por alguém em dúvida com uma pergunta sem resposta. A tarefa do educador em sala de aula envolve recriar esse estado de curiosidade, compartilhar com os educandos as perguntas e dúvidas na origem dos conhecimentos transmitidos na e pela escola, para que eles não se limitem a dirigir o olhar às páginas dos livros, mas abarquem o mundo com seu interesse e seu pensamento crítico.

“A educação deve ensinar o que a vida significa. A escola deve preparar cidadãos urbi et orbi (para a cidade e para o mundo). Agentes da paz, da cultura, da humanidade. Se objetivo é educar para a democracia, deve-se educar para a verdade, para a justiça, para o saber, para a solidariedade. Isso exige educar pessoas, formá-las para viver entre seres humanos e com eles compartilhar preocupações e sonhos, a partir de pontos de vista diferentes e mesmo contrários, às vezes. Por isso, é indispensável formar pessoas que aprendam a refletir e a discordar, a descobrir as virtudes do consenso. Só se consegue isso privilegiando a formação de espíritos críticos em liberdade.”

Cisneros, 2009

ARMADILHAS QUE PODEM MINAR A PRESENÇA PEDAGÓGICA

- **A cegueira da rotina**
- **As formas de comunicação que impedem o exercício de uma presença efetiva (Rosenberg, 2006):**
 - Julgamentos moralizadores;
 - Comparações, que são um caminho direto para se sentir infeliz;
 - Chamadas de atenção constantes, insistentes e repetitivas (recurso que se desgasta e se mostra inútil, além de provocar deterioração do clima de ajuda mútua);
 - Negação da responsabilidade: “tenho que fazer”, “me mandaram fazer”, “recebi ordens”, “é a política da escola”, “estas são as regras”... Com expressões como essas – e há uma infinidade de variantes!
- **Os rótulos**
- **Distanciamento**
- **Medidas disciplinares mal conduzidas**

COMPORTAMENTOS COMUNS QUE SÃO OBSTÁCULOS À VERDADEIRA CONEXÃO EMPÁTICA

O hábito pode levar a adotar alguns comportamentos que parecem empáticos, mas, na verdade, **se usados de maneira irrefletida**, por costume, impedem um diálogo verdadeiro:

Aconselhar

“Acho que você deveria...”
“Por que é que você não fez assim?”

Competir pelo sofrimento

“Isso não é nada. Espere até ouvir o que aconteceu comigo.”

Consolar

“Não foi sua culpa, você fez o melhor que pôde.”

Encerrar o assunto

“Anime-se. Não se sinta tão mal.”

Contar uma história

“Isso me lembra uma ocasião...”

Solidarizar-se

“Oh, coitadinho...”

A PEDAGOGIA DA PRESENÇA NA PRÁTICA: UM EXERCÍCIO DE MOVIMENTO

A presença é o conceito central, o instrumento-chave e o objetivo maior dessa pedagogia baseada em um relacionamento em que as pessoas envolvidas se revelam uma para a outra no compartilhamento de momentos de alegria ou de tristeza. O segredo do processo é manifestar a presença construtiva e emancipadora do educador na vida do educando, mostrando que ela é constante. Torná-la evidente e perceptível em gestos e atitudes simples, que Antonio Carlos Gomes da Costa chama de “pequenas nadas”, e que têm o poder de modificar inteiramente o trabalho de educação: um bom-dia, um olhar, um toque, uma palavra, um incentivo, um gesto, um conselho, um sorriso... Essas manifestações singelas e cálidas por meio das quais, em uma lingua-

gem universal que dispensa explicação e tradução, os humanos dizem uns aos outros: estou aqui, você não está sozinho e tem com quem contar.

O método da Pedagogia da Presença nada tem de misterioso, portanto: **consiste na escuta atenta e cuidadosa, na observação ampla de tudo o que acontece, a cada momento, num movimento de descoberta.** Os comportamentos do educando revelam ao educador a importância que ele atribui às coisas, às pessoas, aos eventos – um dos primeiros passos para descobrir o que ele traz como bagagem pessoal (experiências, valores, aptidões, capacidades, potencialidades, desejos) e que poderá alimentar um processo educativo equilibrado e criterioso de construção da presença do próprio educando no mundo. Mas é preciso também aprender a ler por trás das fachadas, e, para isso, o educador precisa ganhar acesso ao mundo interior do educando – o que requer o estabelecimento de uma relação de reciprocidade, abertura, confiança, cuidado e respeito mútuo. Um sorriso, um olhar cúmplice do educando, são indícios para o educador do progresso de seu trabalho. Cada situação de contato e cada circunstância são oportunidades para que o educador compartilhe com o educando algo que o ajude a compreender e aceitar melhor a si mesmo e aos outros.



A prática da Pedagogia da Presença é um exercício de movimento incessante de aproximação e distanciamento. O educador se aproxima, estabelece uma relação calorosa, empática e significativa que lhe permita conhecer, identificar manifestações, reconhecer pedidos de ajuda nem sempre expressos com palavras e também se deixar conhecer. Num outro movimento, o educador se distancia criticamente para poder ver o processo da ação educativa em sua totalidade, para melhor refletir, avaliar, planejar, decidir e agir.



Encontrar o melhor ponto de equilíbrio no exercício da Pedagogia da Presença exige do educador uma noção muito clara do processo e agilidade para capturar cada instante (“inteligência do instante”, nas palavras de Antonio Carlos Gomes da Costa). Cabe lembrar também que bons sentimentos e boas intenções do educador não são suficientes



para garantir que tudo vai dar certo: há toda uma aprendizagem a construir no sentido de não se deixar levar pelas emoções e identificar tentativas de manipulação, chantagem afetiva, apego desmesurado e excesso de dependência. Nesse sentido, a interação e a troca de experiências e ideias entre pares podem ser de grande ajuda.

Mas há também de se cuidar da linha que separa cuidadosamente aquilo que deve ser intimamente preservado, de parte a parte, e que não se estabeleça qualquer sinal de violação do direito de lá permanecer “silencioso”, se assim o desejar.

A AUTORIDADE E A PEDAGOGIA DA PRESENÇA

Não cabe discutir a importância e a necessidade de ter e observar normas e limites: é evidente que eles são necessários para o bem de cada um e de todos. Mas não tem sentido agitar ameaças e promessas como se fossem bandeiras para convencer os educandos a adotarem certos comportamentos e reações e evitar outros. Muito mais do que as palavras do educador, é o modo como o trabalho cotidiano transcorre que deve tornar evidentes essa necessidade e importância. Para que isso aconteça, é preciso imaginar situações concretas, acontecimentos estruturadores que sirvam para promover compromisso desinteressado por parte dos Estudantes, levando-os a escolher em favor dos interesses e objetivos comuns. Não é um processo rápido, nem definitivo, nem igual para todos, mas é assim que as coisas se organizam em nossa sociedade, e vale a pena investir energia e atenção nesse sentido no cotidiano da educação.

O educador presente sabe que pode e deve agir com firmeza sempre que isso lhe parecer necessário. Com uma atitude franca, direta e clara na interação com os educandos, o educador transmite os elementos que servem de base para estabelecer confiança – condição para aceitação do exercício da autoridade. Quando o educador transmite de verdade o melhor de si, sem subterfúgios (o que é muito diferente de agir desta ou daquela maneira para se tornar “popular” ou ser visto como alguém “legal”), o educando consegue perceber que existe algo de bom no fundamento dos limites e regras transmitidos por esse adulto que lhe fala com clareza, consideração e respeito, e que isso pode ser importante para seu crescimento.

ORDEM DE PRIORIDADES NA PEDAGOGIA DA PRESENÇA

Uma tarefa principal absorve o educando em primeiro lugar: equacionar seus problemas de natureza pessoal, sem que ele se sinta subjugado pelo isolamento e pela solidão. Cabe ao educador, portanto, apoiar o educando no sentido de encontrar a si mesmo, explorar sua situação, compreendê-la. Os aspectos sociais, que viabilizam a inserção e a participação do educando no mundo em que ele deve viver, vêm depois. A ação educativa não tem poder para inverter essas prioridades, e isso é ainda mais evidente quando o educador encontra





educandos que vivem em um universo que Antonio Carlos Gomes da Costa descreve como “tenso, reduzido e espesso”, e no qual se sentem “amarrados por dentro”.

É indiscutível que o educador precisa se empenhar para tornar possíveis as aquisições utilitárias indispensáveis para que o educando se torne um cidadão produtivo e aceito (aprender um trabalho rentável e socialmente útil e aprender boas maneiras, por exemplo). Porém, esse trabalho vem depois. Antes de viabilizar a inserção e a participação do educando no mundo em que ele deve viver, é indispensável lembrar que ele quer e precisa aprender a viver consigo mesmo, reconciliar-se, para, então, fazer-se presença.

“A Pedagogia da Presença é parte de um esforço coletivo na direção de um conceito e de uma prática menos irrealistas e mais humanas de educação de adolescentes em dificuldades. Contribuir para o resgate da parcela mais degradada, em termos pessoais e sociais, de nossa juventude é, sem dúvida alguma – embora apenas um número reduzido de pessoas realmente acredite nisso – uma das grandes tarefas do nosso tempo.”

Antonio Carlos Gomes da Costa

A Educação Interdimensional

“O Século XXI será ético e espiritual ou não será.”

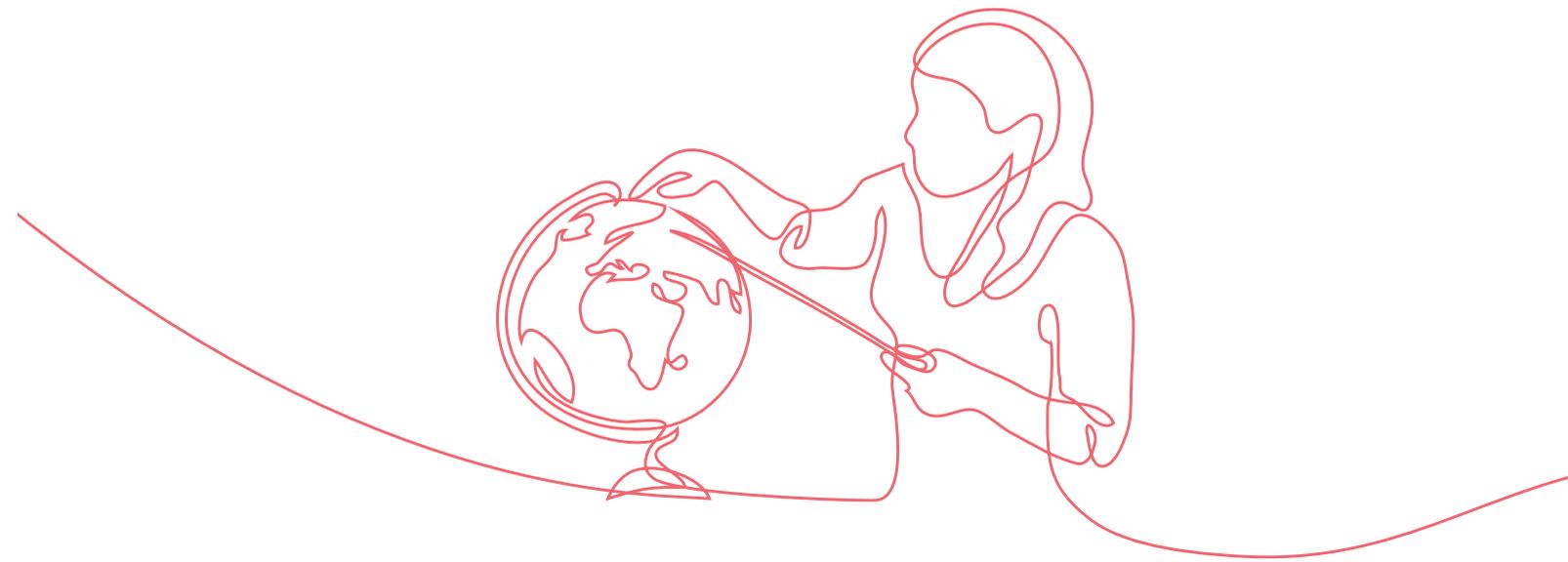
André Malraux



A Educação Interdimensional é um dos Princípios Educativos considerados no Modelo da Escola da Escolha porque está alinhada ao conceito de que a educação deve contribuir para o desenvolvimento pleno da pessoa e a formá-la de modo a constituir-se como alguém a atuar no mundo capaz de elaborar pensamentos e a agir de maneira autônoma, crítica e propositiva em todas as dimensões de sua vida.

A perspectiva apontada pela UNESCO, em seu Relatório sobre a Educação para o Século XXI destaca a necessidade de conceber e tratar a educação na sua dimensão mais ampla: “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito, corpo,





inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, em especial pela educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos, bem como para formular seus próprios juízos de valor, de modo que possa decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida”.

Não é diferente no ordenamento da Educação Brasileira, de acordo com o Art. 2º da LDB:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Para o Professor Antonio Carlos Gomes da Costa, a relação do ser humano consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com aquilo que o transcende vive paradoxalmente uma crise e também uma oportunidade: “A razão analítico-instrumental, que imperou ao longo dos últimos séculos, iniciando-se no Renascimento, tornando-se a força hegemônica a partir do Iluminismo, para culminar na moderna Civilização Industrial, emite sinais de esgotamento. Esse esgotamento se revela na incapacidade da modernidade nascida do Iluminismo em cumprir as promessas que marcaram o seu nascimento: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. A Razão, a Ciência e a Técnica foram desenvolvidas e continuam a se desenvolver cada vez mais. No entanto, basta olhar o noticiário para perceber o quanto nos afastamos desses ideais” (Costa, 2008).

A seguir apresentamos uma síntese do cenário que simboliza esse paradoxo ao qual o Prof. Antonio Carlos se refere:



O Paradoxo da Crise X Oportunidade



Na relação consigo mesmo...

- O homem parece cada vez mais marcado pelo solipsismo, a ansiedade e o medo, entregando-se aos anestésicos da cultura de massas.
- Parece estar emergindo com intensidade inédita na história um desejo humano de autocompreensão, autoaceitação, autoestima, autoproposição e autodeterminação, na busca da autorrealização e da plenitude humana. Este movimento reflete a busca do encontro do homem consigo mesmo, como condição para encontrar os demais.



Na relação com os outros...

- Individualismo, competição, exploração e o uso instrumental do ser humano marcam as relações interpessoais, enquanto que, no plano das relações coletivas, dentro das nações e entre as nações, o cinismo e a força bruta parecem ganhar cada vez mais espaço.
- Constata-se uma busca de resignificação dos laços interpessoais na família, na escola, no trabalho, nas relações afetivo-sexuais. Por outro lado, na vida social mais ampla, no plano das relações com o bem-comum, a incorporação dos direitos humanos individuais e coletivos, como novo eixo estruturador dos processos de desenvolvimento, propicia o surgimento e a ainda incipiente, mas gradual, afirmação do Paradigma do Desenvolvimento Humano como a grande via para a construção de um progresso com um rosto verdadeiramente humano.



Na relação com a natureza...

- A quebra sistemática dos ecossistemas vai desequilibrando as bases dos dinamismos que sustentam a vida, gerando consequências como a diminuição da biodiversidade, os buracos na camada de ozônio, comprometendo o direito à vida das gerações futuras.
- A emergência do conceito de sustentabilidade vai fazendo surgir uma nova ótica e uma nova ética, que têm como fundamento a noção de que cada geração deve legar às gerações vindouras um meio-ambiente igual ou melhor do que aquele recebido das gerações anteriores.



Na relação com o transcendental da vida...

- Verifica-se uma forte crise de sentido, que resulta numa cada vez mais evidente perda de respeito pela dignidade e a sacralidade da vida em todas as suas manifestações naturais e humanas.
- Registra-se uma grande fome de sentido existencial. Pessoas, grupos, comunidades e organizações de todo tipo cada vez mais se empenham na busca de novas fontes de significado para o seu ser e o seu fazer neste mundo, isto é, para sua presença entre os homens de seu tempo e de sua circunstância.



No paradigma educacional dominante no Brasil e no mundo, a instrução toma com frequência o lugar da educação. Esse paradigma está tão voltado para os meios, as aprendizagens basicamente cognitivas, que as aprendizagens essenciais (existenciais ou metacognitivas) relacionadas com a finalidade última da educação simplesmente não são tratadas na prática pedagógica como essenciais.

A educação inclui a construção de conhecimentos relevantes, significativos, úteis e duradouros para os seres humanos. Mas não se reduz a isso. Sem a construção/reconstrução de sentidos e de sentimentos, valores e avaliações, ela simplesmente se restringe à instrução, porque deixa de promover aprendizagens indispensáveis à finalidade máxima da vida que, na Grécia antiga, Aristóteles dizia ser a vida em plenitude, a felicidade ou a sua própria busca. Nessa perspectiva, é necessário pensar numa educação que transcenda o domínio da racionalidade (do logos) e incorpore os domínios da emoção (pathos), da corporeidade (eros) e da espiritualidade (mytho).

LOGOS

a dimensão do pensamento e do conceito ordenador e dominador da realidade por meio da razão.

MYTHOS

a dimensão transcendental, da relação do homem com o mistério e o sentido da vida.

PATHOS

a dimensão do sentimento, da relação do homem consigo mesmo e com os outros.

EROS

a dimensão das pulsões, do desejo, da corporeidade.

A DIMENSÃO PRÁTICA DA EDUCAÇÃO INTERDIMENSIONAL

No alinhamento entre essa perspectiva e as aprendizagens dos Quatro Pilares da Educação, é possível referenciar e fundamentar metodologias capazes de superar a presença dominante dos aspectos cognitivos e se abrir para práticas e vivências de natureza social, existencial e produtiva que integrem as quatro dimensões.

A seguir, um quadro sintético dos indicadores relativos a cada uma das dimensões, verificáveis no contexto da prática pedagógica e alinhados com as competências dos Quatro Pilares.

No Modelo da Escola da Escolha, a Educação Interdimensional como Princípio Educativo apresenta-se como possibilidade capaz de equilibrar as relações entre essas quatro dimensões (logos, mythos, pathos e eros), o que não significa prescindir da educação simbolizada pela dimensão da razão analítico-instrumental (o logos), mas não se sobrepondo às demais dimensões.



LOGOS	INDICADORES	
<p>A) Capacidade de raciocínio lógico</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber concluir o raciocínio • Ordenar suas ideias na exposição oral e escrita • Saber construir e resolver situações-problema • Desenvolver um ponto de vista ou ideia 	<ul style="list-style-type: none"> • Classificar, comparar e concluir ideias, materiais e fatos • Justificar suas posições de maneira fundamentada
<p>B) Habilidades de compreensão e análise</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar com suas palavras o que leu, ouviu, estudou e/ou pesquisou • Construir frases, textos e histórias • Retirar do texto informações solicitadas • Pesquisar informações ou resumir o texto coletivo • Formular perguntas sobre o assunto estudado • Descrever um fato com detalhes • Expressar frases estruturadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar hipóteses baseadas em informações • Realizar a leitura de mapas, localizando-se neste espaço • Estabelecer relações entre os fenômenos naturais e elementos da natureza • Identificar diferenças entre as pessoas, fatos, dados e situações
<p>C) Indicadores de habilidade de síntese</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Retirar a ideia central de um texto • Saber fazer anotações 	<ul style="list-style-type: none"> • Associar as informações para formar um novo texto, criar histórias e diálogos • Saber tirar conclusões acerca de fatos
<p>D) Indicadores de capacidade de trabalho metódico</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar suas tarefas e materiais • Escrever de forma legível 	<ul style="list-style-type: none"> • Gostar de auxiliar os colegas • Contribuir com material de pesquisa para o grupo • Saber ouvir e respeitar as opiniões dos colegas
<p>E) Indicadores de atividades favoráveis ao desenvolvimento cognitivo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aceitar trabalhar em grupo • Enfrentar as dificuldades sem desanimar • Incentivar os colegas • Criar espírito de cooperação 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar suas ideias sem receio • Desenvolver as atividades demonstrando satisfação • Relacionar-se com os colegas e professores de maneira fraterna • Mostrar-se persistente nas tarefas que realiza



MHYTOS	INDICADORES	
Espiritualidade	<ul style="list-style-type: none">• Respeitar a dignidade e a sacralidade da vida em todas as suas manifestações• Abrir-se para indagação às práticas e às vivências quanto ao significado e ao sentido da vida• Realizar atividades que ampliam e enriquecem a sua interioridade• Refletir sobre o sentido da missão da sua presença no mundo• Vivenciar, identificar e incorporar valores positivos à sua existência• Abrir-se e dispor-se para o diálogo com as diversas religiões• Indagar sobre as grandes questões da existência humana• Desenvolver com profundidade sentimento de mundo e de pertencimento à família• Procurar manifestar em atos concretos a sua relação com o transcendental	<ul style="list-style-type: none">• Valorizar a paz, a justiça e a sociedade como bases universais do convívio humano• Saber dar e pedir perdão• Meditar e contemplar as questões relativas à dimensão transcendente da vida• Envolver-se em ritos que expressam suas crenças e valores mais profundos• Saber apreciar, admirar, valorizar e incorporar à sua vida, as lições e exemplos de sabedoria e santidade das diversas tradições religiosas• Respeitar e valorizar a diversidade humana em todas as suas manifestações• Cultivar a tolerância e saber lidar com conflitos, conviver com a diferença de ideias, valores, pontos de vista e interesses



PATHOS	INDICADORES	
<p>Afetividade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar autoaceitação, autoestima e autoconfiança • Sabe dar e receber afeto • Demonstrar preocupação com os outros • Demonstrar capacidade de empatia, mostrando disposição de colocar-se no lugar do outro • Expressar de forma equilibrada suas emoções • Ser capaz de assertividade, ou seja, não ser passivo nem agressivo nos seus relacionamentos • Sabe lidar de forma equilibrada com as frustrações na vida familiar, escolar e comunitária • Canalizar construtivamente a tendência à agressividade própria dos adolescentes • Olhar com esperança para o futuro (visão, projeto de vida) 	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilidade às manifestações artísticas • Demonstrar interesse em aprimorar a sua capacidade de fruição das obras de arte buscando aprimorar a sua educação estética • Aceitar envolver-se no fazer artístico • Demonstrar o desenvolvimento de sua capacidade criativa • Reconhecer as atividades em que desempenha melhor e procurar aprofundar-se nelas • Valorizar a prática de boas maneiras e da urbanidade na vida familiar, escolar e comunitária

EROS	INDICADORES	
<p>Corporeidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aceitação do próprio corpo • Demonstra capacidade de autocuidado com as suas condições de saúde (alimentação, higiene e condicionamento físico) • Zela pela sua aparência pessoal • Usa a expressão corporal para comunicar sentimento e disposição interior • Envolve-se em dinâmicas, jogos e esportes individuais e coletivos • Mantém-se atento e procura corrigir as posturas inadequadas e prejudiciais ao próprio corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Atende corretamente as suas necessidades de descanso • Demonstra ritmo e harmonia corporal em atividades como dança e atividades grupais • Procura preservar-se dos riscos relacionados às doenças sexualmente transmissíveis, ao cigarro, ao álcool e outras drogas • Mantém-se atento às regras de segurança no trânsito • Busca conscientemente o equilíbrio entre o corpo, a mente e suas emoções

Esses indicadores são registros de diversas reuniões com o Prof. Antonio Carlos Gomes da Costa acrescidos de informações em suas obras, adaptadas para utilização neste material.

“Essas dimensões, nos estudos realizados pelo Prof. Antonio Carlos Gomes da Costa, estão presentes nos conceitos e práticas que presidiram a construção do ideal do homem grego que posteriormente se fundiram aos conceitos e práticas do mundo judaico-cristão, dando origem à civilização ocidental.” (<http://associacaopelafamilia.org.br/aspf/cat/POR%20UMA%20EDUCA%C7%C3%20IN-TERDIMENSIONAL%20II.pdf>, acessado em 17/09/2017.)



Um dos desafios postos pelo trabalho com os Princípios na escola, como já tratado neste Caderno, diz respeito à necessidade de alinhamento das ações e atitudes de todos que atuam no ambiente escolar na relação com a criança, o adolescente ou o jovem. É preciso que estes percebam a possibilidade da vivência dos Princípios no fazer cotidiano da equipe escolar. Se este é por si só um desafio, quando trazemos as crianças, os adolescentes e os jovens com deficiência nosso olhar precisa ficar ainda mais atento a como vivenciamos esta forma de fazer escola e de viver a educação.

Como apresentado no **Caderno de Formação - Educação Inclusiva**, a prática pedagógica orientada pelos princípios educativos é um grande e potente vetor para que a escola seja, de fato, um espaço de todos e para todos.

Partindo do pressuposto de que é preciso que o sistema de ensino, a escola, sua equipe (com participação da família) criem as condições favoráveis para o aprendizado e a formação integral de todos os seus estudantes, organizar a escola a partir dos Princípios Educativos, considerando **a diferença como um valor e não como um impedimento**, pedirá que todos assumam uma presença pedagógica junto aos estudantes com deficiência que possibilite ouvir a si mesmo, aos pares e aos estudantes considerando as singularidades e a potencialidades que cada um traz no exercício cotidiano da formação.

Ouvir e atender de forma singular deve ser um exercício pedagógico cotidiano, e vai possibilitar que os espaços da escola sejam tidos e vividos como pontos de encontro e de reciprocidade.



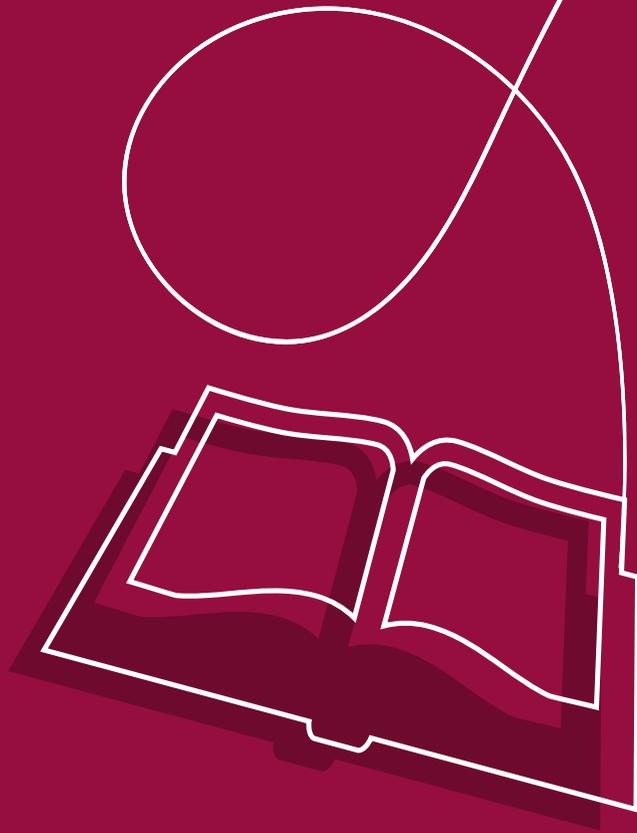


Tal postura traz à discussão o encontro da Presença Pedagógica com a Educação Interdimensional. É deste encontro – que permite perceber o outro como potência além da dimensão cognitiva unicamente – que brota a possibilidade para as práticas e vivências do Protagonismo, gerando curiosidade, fala e escuta, abrindo caminhos para experimentar e para “ludiciar” sendo quem se é, sem reservas, sem medo, com criação e co-criação.

Não haverá, pois, espaço para esse ser, esse viver e esse agir pedagógico se a vivência do *ser estudante* não estiver fundamentada na crença necessária de se atravessar a limitação ou privação, frequentemente imposta ao uso dos sentidos – tal qual conhecemos – aos desafios do corpo e da corporeidade além do que conhecemos, a outras formas de ler e compreender o mundo, além da que conhecemos. Para este exercício a Pedagogia da Presença, a Educação Interdimensional, a Ludicidade e a Experimentação precisam sentir-se amparadas no exercício que as habilidades e competências advindas do trabalho intencional com os 4 Pilares da Educação possibilitam ter, possibilitam viver, possibilitam fazer-se.

A palavra torna-se, então, oportunidade, já que dela (assim mesmo, nesta ordem) derivará o verbo oportunizar: oportunizar para gerar a possibilidade para observar a si e ao outro. Oportunizar para que no exercício das práticas pedagógicas o outro seja, faça, aprenda, conviva, transforme-se e nos transforme, sendo quem se é.

O exercício dos Princípios Educativos no cotidiano da escola em muito contribui para a necessária mudança de percepção de que o foco das práticas pedagógicas não deve estar na deficiência, mas nas formas, possibilidades e condições de aprendizagem que deverão ser proporcionadas pela Equipe Escolar para que a formação deste estudante mantenha o compromisso com a integralidade da ação educativa, declarada desde a concepção do Modelo, ainda no berço da primeira Escola da Escolha.





Caro Educador!

Aqui encerramos o **Caderno de Formação - Princípios Educativos**. Esperamos que ele tenha apoiado a sua trajetória na apropriação dos conhecimentos teóricos essenciais para dar suporte à sua atuação na Escola da Escolha. Considere, sempre, que essa leitura deve ter sido uma entre muitas a serem realizadas e que os estudos em torno do Modelo para assegurar o seu pleno domínio demanda método, dedicação e associação com outros dispositivos, a exemplo dos estudos tanto individual quanto coletivos, reflexão acerca da própria prática pedagógica realizada e sua efetividade e a ampliação do acervo de referências tanto teóricas quanto práticas a serem incorporadas no processo formativo que agora se inicia na sua trajetória como educador de uma Escola da Escolha.

As referências bibliográficas utilizadas na concepção desse Caderno e recomendadas para os seus estudos podem ser encontradas no Caderno Concepção do Modelo da Escola da Escolha.







